

Esta publicação faz parte de um projeto de investigação mais alargado, intitulado «*On Being With-it*: Experiências Pedagógicas sobre Território na EAUM», que visa reunir, refletir e divulgar o trabalho que estudantes e professores têm feito desde 2001 no âmbito de Cidade e Território, na Escola de Arquitetura da Universidade do Minho.

This publication is part of a larger research project entitled «On Being With-it: Pedagogical Experiments on Territory at EAUM», that aims to gather, reflect, and make public the work that students and professors have been doing since 2001 in the field of City and Territory at the School of Architecture, University of Minho.



ISBN 978-989-54027-0-0

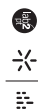


Universidade do Minho
Escola de Arquitetura



ON BEING WITH-IT

Cidália Ferreira Silva, Daniel Duarte Pereira (eds.)



Diálogo Prospetivo sobre a Experiência de Aprendizagem através do Território

ON BEING WITH-IT

A Forward-Looking Dialogue on the Experience of Learning through Territory

Cidália Ferreira Silva, Daniel Duarte Pereira (eds.)
Lab2PT/EAUM

O diálogo reflete sobre o nosso ensino como prática de investigação, passando por perguntas, dúvidas, fases e pontos decisivos, indo para trás e para a frente, tentando entender esta experiência um pouco melhor. O conteúdo tenta ser fiel a dois aspetos: a) aos factos, tais como a mudança estrutural no grau arquitetónico, trazida pelo Processo de Bolonha; b) à nossa experiência vivida, que nos dá uma perceção específica dessa história. Outros certamente contá-la-iam de uma forma diferente, ou ressaltariam outras questões. Portanto, a reflexão engloba o papel participativo dos autores, rejeitando a perspetiva positivista do *sujeito* independente do *objeto* de pesquisa, ainda presente na academia.

This dialogue looks at our teaching as research practice, moving through the main questions, doubts, phases, and turning points, and going backward and forward trying to understand it a little better. The content is faithful to two aspects: (a) to facts, such as the structural change in the architectural degree brought by the Bologna process; and (b) to our lived experience that gives us a specific perception of this story. Others would certainly tell it in a different way, or would highlight different questions. Therefore, it embraces the participatory role of the authors, rejecting the positivist perspective of a *subject* independent from the *object* of research still present in academia.

On Being With-it

Diálogo Prospetivo sobre a Experiência de Aprendizagem através do Território

On Being With-it

A Forward-looking Dialogue on the Experience of Learning through Territory

**Diálogo Prospetivo
sobre a Experiência
de Aprendizagem
através do
Território**

ON BEING WITH-IT

**A Forward-Looking
Dialogue on the
Experience
of Learning
through Territory**

Livro publicado no âmbito do projeto de investigação *On Being With-it: Experiências Pedagógicas sobre Território na EAUM*, do Lab2PT/EAUM.
Book published as part of the research project *On Being With-it: Pedagogical Experiments on Territory at EAUM*, Lab2PT/EAUM

PROJETO DE INVESTIGAÇÃO
RESEARCH PROJECT

On Being With-it: Experiências Pedagógicas Sobre Território na EAUM
On Being With-it: Pedagogical Experiments on Territory at EAUM
Lab2PT/EAUM

Coordenação
Coordination
Cidália Ferreira Silva

Grupo Cidade e Território da Lab2PT/EAUM
City and Territory group at Lab2PT/EAUM
Cidália Ferreira Silva
Marta Labastida
Ivo Oliveira
Rute Carlos
Vincenzo Riso

Bolseiro de investigação
Research Schoolar
Daniel Duarte Pereira

<http://www.onbeingwithit.pt>
onbeingwithit@arquitetura.uminho.pt

LIVRO
BOOK

On Being With-it: Diálogo Prospetivo sobre a Experiência de Aprendizagem através do Território
On Being With-it: A Forward-looking Dialogue on the Experience of Learning through Territory

Publicado em dezembro 2017 por:
Published in December 2017 by:
Universidade do Minho. Laboratório de Paisagens,
Património e Território – Lab2PT

Edição / **Edition**
Cidália Ferreira Silva
Daniel Duarte Pereira

Capa / **Cover**
Manuel Granja

Tradução / **Translated by**
Fernando Guerra e Paz

Revisão / **Review**
Conceição Candeias & Rui Centeno
Barbara Diller-Young

Impressão e acabamento / **Printing and finishing**
SerSilito, Empresa Gráfica, Lda.

© Universidade do Minho. Laboratório de Paisagens, Património e Território – Lab2PT
© The Authors / Escola de Arquitetura da Universidade do Minho [pp. 6-7, 20-21, 32-33, 26-28, 88-89]

ISBN ebook
978-989-54027-1-7

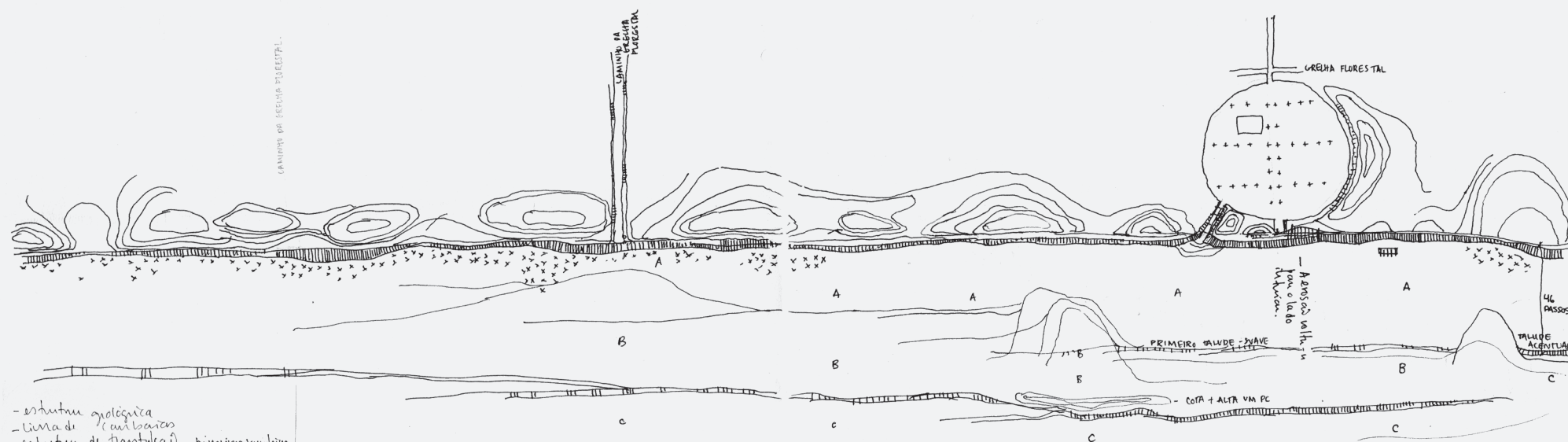
ISBN printed version
978-989-54027-0-0

Depósito Legal

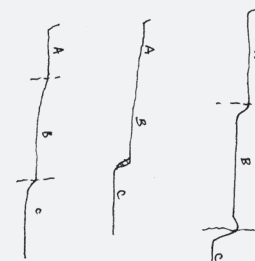
Índice / Contents

- 8 *On Being With-it: Uma História de Encontros*
9 *On Being With-it: A (Hi)story of Encounters*
Cidália Ferreira Silva
- 22 *On Being With-him: Com Quem Iniciou Esta Experiência*
23 *On Being with-him: With the One Who Triggered This Experience*
Manuel Fernandes de Sá
- 34 *On Being With-us: Sobre a Nossa Experiência no Ensino do Território*
35 *On Being With-us: Our Experience Teaching the Subject of Territory*
Cidália Ferreira Silva, Daniel Duarte Pereira, Ivo Oliveira,
Marta Labastida, Rute Carlos, Vincenzo Riso
- 90 *On Being With-others: Conjunto de Autores Que Nos Acompanham*
91 *On Being With-others: The Authors We Keep Close to Us*

PONTO CENTRAL PAS 31-07-78
FOTOGRAFIAS - 12 EM 12
PASSOS E
APROX 45
PASSOS
PAROLA COSTEIRA
17:36
V



- desenho n
tão comprimido



Cardigan natensis

ON BEING WITH-IT: UMA HISTÓRIA DE ENCONTROS

Cidália Ferreira Silva

Coordenadora do projeto *On Being With-it*
Escola de Arquitetura da Universidade do Minho / Lab2PT

Esta publicação faz parte de um projeto de investigação mais alargado, intitulado «*On Being With-it: Experiências Pedagógicas sobre Território na EAUM*», que visa reunir, refletir e divulgar o trabalho que estudantes e professores têm feito desde 2001 no âmbito de Cidade e Território, na Escola de Arquitetura da Universidade do Minho.

O livro é composto por três partes: a) *On Being With-him*, com Manuel Fernandes Sá, o professor que iniciou esta história, com a republicação de um excerto da sua tese sobre o Médio Ave¹ (1986); b) *On Being With-us*, um diálogo entre os que têm trabalhado neste campo ao longo dos anos; e c) *On Being With-others*, uma bibliografia gráfica que reúne os principais autores que estiveram connosco, ensinando-nos e abrindo-nos perspetivas. Finalmente, o livro é acompanhado por um cartaz, que recomenda a plataforma digital onde este trabalho pode ser visto.

On Being wWith-it. Esta expressão desdobra-se em múltiplos sentidos. Começamos por entendê-la no seu significado mais simples: procuramos compreender, conhecer e partilhar este conhecimento com «o outro», o leitor, que, apesar de não ter vivido esta experiência, é convidado a envolver-se para

¹ Sá, Manuel. *O Médio Ave*, Porto: Escola Superior de Belas-Artes do Porto, 1986.

ON BEING WITH-IT: A (HI)STORY OF ENCOUNTERS

Cidália Ferreira Silva

Research coordinator of the project *On Being With-it*
School of Architecture, University of Minho / Lab2PT

This publication is part of a larger research project entitled “*On Being With-it: Pedagogical Experiments on Territory at EAUM*”, that aims to gather, reflect, and make public the work that students and professors have been doing since 2001 in the field of City and Territory at the School of Architecture, University of Minho.

The book is divided in three parts: (a) *On Being With-him*, with Manuel Fernandes Sá, the professor who started this story, with the republication of an excerpt of his thesis about the Médio Ave¹ (1986); (b) *On Being With-us*, a dialogue among those who have been working in this field through the years; and (c) *On Being With-others*, a graphic bibliography that gathers the main authors who have been with us, teaching, and opening perspectives. Finally, it includes a poster noting the website where this work can be seen.

On Being With-it. As the title implies, this unfolds in various ways. We start by committing to the simplest meaning of this expression: we aim to understand, to know, and to share this knowing with the *other*, *you*, who might not have lived it, but might relate to our doubts, our questions, and also by the simple findings brought about by this experience.

¹ Sá, Manuel. *O Médio Ave*, Porto: Escola Superior de Belas-Artes do Porto, 1986.

ser contagiado pelas nossas dúvidas, pelas nossas perguntas, mas também pelas descobertas que esta experiência gerou.

Ao imaginar esta publicação, perguntámo-nos como desejávamos iniciar uma comunicação entre nós e entre nós e os outros. Decidimos moldar um diálogo, sem um plano nem perguntas predefinidas. Queríamos ser tão livres quanto possível e não sermos condicionados por pensamentos pré-elaborados. É o diálogo que desencadeia as perguntas, e a conversa emana naturalmente, enquanto processo a acontecer. Isso tornou-se uma oportunidade para reunir em reflexão aqueles que estiveram envolvidos de diferentes modos no desenvolvimento deste ensino como prática de investigação: Cidália Ferreira Silva, Marta Labastida, Vincenzo Riso, Rute Carlos, Daniel Duarte Pereira e Ivo Oliveira (a sequência corresponde ao tempo de entrada nesta história). Esta tem sido uma prática de *being with-students*, pesquisando as perguntas com eles, tentando encontrar estratégias de proximidade com os lugares em que investigamos. Este é o segundo significado de «*being with-it*», que nos conduz ao terceiro.

Trata-se de uma experiência enraizada nos lugares onde temos trabalhado. Quais são esses lugares? Referidos de forma simplificada, são os lugares do território extensamente urbanizado. No nosso caso, é necessário destacar o papel relevante do Território Difuso do Vale do Ave, o local a que a universidade pertence. Em termos genéricos, esses lugares são aqueles em que as dicotomias da cidade-campo não se aplicam; são os lugares que se explicam mediante redes ilimitadas de conexão; onde um campo de batatas coexiste com uma grande empresa internacional. São os lugares «ordinários»,² e não os «extraordinários» tão comumente desejados, como os centros históricos, que, embora dentro desse território urbano,³ ocupam apenas menos de um por cento da sua área.⁴ Mas, dizendo tudo isto, nada ainda é dito, já que nenhum lugar é limitado a esses conceitos. Estas são apenas algumas das

2 HABRAKEN, N. John; TEICHER, Jonathan (ed.). **The Structure of the Ordinary**, Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1998.

3 CHOAY, Françoise. «El reino de lo urbano y la muerte de la ciudad», in RAMOS, Ángel Martín (ed.). **Lo urbano en 20 autores contemporáneos**, Barcelona: Edicions UPC, 2004, pp. 61-72 (1.^a ed. 1994).

4 CORBOZ, André. «El urbanismo del siglo xx», **La Vanguardia**, martes 6 diciembre, 1994, pp. 33-35.

When imagining this publication, we asked how we desired to start a communication between *ourselves* and between ourselves and the *other*? We decided to shape the dialogue without a predefined plan or questions. We wanted to be as free as possible and without preconceived thoughts. We felt the dialogue would trigger the questions and conversation through the process of happening. This became an opportunity to bring together in dialogue those who have been involved in different ways in generating this teaching as a research practice – Cidália Ferreira Silva, Marta Labastida, Vincenzo Riso, Rute Carlos, Daniel Duarte Pereira, and Ivo Oliveira (the sequence corresponds to the time entrance in this story). This has been a practice of *being with-students*, investigating the questions to find strategies to locate the closeness with the places that we have been researching. This is the second meaning of “being with-it” that leads us to the third.

This has been an experience grounded in the places we have been designing as research. Where are these places? Simply stated, they can be found in the extensive urbanised territory; in our case we need to highlight the relevant role of the Diffuse Territory of Vale do Ave, the place where the university is located. In generic terms, these places are those where the dichotomy of city-countryside no longer exists; those that are explained through unlimited networks; where a field of potatoes coexists with a big international corporation. These are the “ordinary”² places, not the “extraordinary” places so commonly desired, such as the historical centres that, though they are inside this urban³ territory, they occupy less than one percent of their area.⁴ That said, nothing is yet said, because no place is bounded by these features. These are only some of the recognised characteristics of a scientific object that need not only constant inquiring, but also to be forgotten in order not to lose the closeness of *being with-places*, in themselves with their cha(n)(l)en(ing) nature.

2 HABRAKEN, N. John; TEICHER, Jonathan (ed.). **The Structure of the Ordinary**, Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1998.

3 CHOAY, Françoise. “El reino de lo urbano y la muerte de la ciudad”, in RAMOS, Ángel Martín (ed.). **Lo urbano en 20 autores contemporáneos**, Barcelona: Edicions UPC, 2004, pp. 61-72 (1.^a ed. 1994).

4 CORBOZ, André. “El urbanismo del siglo xx”, **La Vanguardia**, martes 6 diciembre, 1994, pp. 33-35.

características reconhecidas de um objeto científico, que precisam não só de ser constantemente questionadas, mas também de ser esquecidas, para não perderem a proximidade com os lugares em si mesmos, *on being with-places*, no seu devir constante.

Graças à contingência

Juntámo-nos nesta Escola por acidente. Não houve um plano predeterminado. Além disso, entrámos neste ensino como prática de investigação em diferentes momentos do tempo. Embora sejamos todos arquitetos, temos origens diversas. Viemos de escolas de arquitetura distintas, localizadas em diferentes geografias: Coimbra (Cidália Ferreira Silva), Barcelona (Marta Labastida e Rute Carlos), Florença (Vincenzo Riso), Guimarães (Daniel Duarte Pereira), Porto (Rute Carlos e Ivo Oliveira). Viemos de uma educação estável, com referências e «maneiras» de fazer e pensar estáveis, como se discute a certo ponto do diálogo. Mas chegámos a um terreno instável, e não damos aos nossos alunos a mesma estabilidade a que tivemos acesso. Porquê? Uma resposta possível é a incerteza do nosso tempo. Mas o que é essa incerteza que torna a ação contingente? A outra resposta pertence aos locais onde temos projetado encarando os projetos numa perspetiva de investigação. Lugares que desde o início nos colocaram numa posição muito desconfortável, forçando-nos a perguntar: «O que fazemos com isto?» Tudo isso faz parte do diálogo.

Como tudo começou?

Setembro de 2001, o diploma em Arquitetura da Universidade do Minho teve finalmente alunos a chegar ao quinto ano (e último). Manuel Fernandes foi convidado para ser responsável pela unidade curricular de Projeto V, juntamente com Maria Manuel Oliveira, já docente da Escola. À semelhança do que sucede noutras escolas de arquitetura de Portugal, também aqui o princípio foi estabelecer uma unidade curricular de projeto dedicada a Projeto Urbano. Tivemos o privilégio

Thanks to contingency

We came together in this school project by accident. There was no predetermined plan. We also entered this teaching as a research practice in different moments in time. Although we are all architects, we have different backgrounds. We come from different schools of architecture in different geographical locations: Coimbra (Cidália Ferreira Silva), Barcelona (Marta Labastida and Rute Carlos), Florence (Vincenzo Riso), Guimarães (Daniel Duarte Pereira), Porto (Rute Carlos and Ivo Oliveira). We come from a traditional education, with traditional references and ways of doing and thinking, as discussed at a certain point in the dialogue. But we arrived at non-traditional ground; we do not give our students the same stability. Why? One possible answer is the uncertainty of our time. But what is this uncertainty that prompts a contingent action? The other response belongs to the places where we have been designing as research – places that since the beginning had put us in a very uncomfortable position of asking, “what do we do with this?” All this is part of that conversation.

How did it all get started?

In September 2001, students arrived at their fifth and last year before being awarded the Diploma of Architecture at the University of Minho. Manuel Fernandes de Sá was invited to be the responsible for Design Studio V [*Projeto V*], together with Maria Manuel Oliveira, a former professor of the school. Similar to other schools of architecture in Portugal, the principle was to establish a design studio devoted to urban design. Professor de Sá has been a leading scholar and professional in the field of urban studies. Moreover, he is now a emeritus professor at the Faculty of Architecture of University of Porto (FAUP).

Professor de Sá introduced this seminal idea of selecting an area in the Diffuse Territory of Vale do Ave as the theme for the design, in contrast with the conventional programs that work on the peripheries of cities. This

de aprender com Manuel Fernandes Sá, que simultaneamente era professor na Faculdade de Arquitetura do Porto (FAUP) e um dos principais responsáveis pelo avanço do conhecimento neste campo disciplinar no nosso país.

Este professor trouxe a ideia seminal de selecionar uma área no Território Difuso do Vale do Ave como tema de projeto, em contraste com os programas mais convencionais, que trabalhavam sobre as franjas periféricas das cidades. Tratou-se de um ponto de partida fundamental desta história. Como na maioria dos momentos importantes que mudam a nossa vida, também aqui não estávamos conscientes da importância do momento. Olhando para trás, este foi muito especial, com consequências imprevistas no que viria a acontecer relativamente à investigação e ao projeto na área de Cidade e Território da nossa Escola.

Precisamos de observar atentamente o passado, para termos uma melhor compreensão das raízes deste trabalho, reconhecendo a continuidade do que podemos entender como uma pesquisa disciplinar *em movimento*, seja ela mais próxima ou mais distante, e à qual pertencemos. Se olharmos para a nossa proximidade, veremos que o Vale do Ave já fora constituído como objeto científico de pesquisa nos anos 80, nomeadamente por Nuno Portas, Manuel Fernandes de Sá e Álvaro Domingues, todos professores na FAUP. Nuno Portas foi, por exemplo, responsável pelo Plano Diretor Municipal de Guimarães em 1985. Manuel Fernandes de Sá elaborou a sua tese sobre «O Médio Ave» em 1986. Com este território, aqueles três nomes iniciaram em Portugal o estudo do território urbano que está para além da cidade canónica.

Numa distância próxima, encontraremos André Corboz, com o seu «Le Territoire comme palimpseste»⁵ (1983), ou Michel Corajoud, com «Le Paysage c'est l'endroit où le ciel et la terre se touchent»⁶ (1982), duas figuras que se destacam entre os muitos autores com os quais aprendemos, e que estão reunidos na terceira parte deste livro.

5 CORBOZ, André.
«Le Territoire comme palimpseste», in **Le Territoire comme palimpseste et autres essais**, Besançon, Paris: Les Éditions de l'imprimeur, 2001, pp. 21-30 (1.^a ed. 1983).

6 CORAJOUD, Michel.
«Le Paysage, c'est l'endroit où le ciel et la terre se touchent», in François Dagognet (ed.), **Mort du paysage? Philosophie et esthétique du paysage**, Actes du Colloque de Lyon, Collection Milieux. Seyssel: Champ Vallon, 1982, pp. 36-51.

was a key starting point of this story. Like most of the important life-changing moments when we live them, at the time we are not aware of their importance. Looking back, this was a very special time, with unforeseen consequences for what was to come within the City and Territory studies at our school.

We need to look attentively to the past for a better understanding of what the roots of this work are, acknowledging the embeddedness in what we may sense as an *in motion* disciplinary research, either *closer* or *distant*, where we belong. If we look at our nearness, we find that Vale do Ave had already been created as a scientific object of research in the 1980s, by among others, Nuno Portas, Manuel Fernandes Sá and Álvaro Domingues, professors at FAUP. Nuno Portas was, for instance responsible for the Guimarães Municipal Master Plan in 1985. Manuel Fernandes Sá elaborated his thesis about “O Médio Ave” in 1986. Using this territory, they started the study of the “Urban territory” beyond the canonical city in Portugal.

In a distant proximity, we find André Corboz, with his “Le Territoire comme palimpseste”⁵ (1983), and Michel Corajoud “Le Paysage c'est l'endroit où le ciel et la terre se touchent”⁶ (1982). These are only special samples, among the many authors who have been with us, and who are brought together in the third part of this book.

Between the geographical distance and the closeness, we encounter ourselves within a co-presence where time and space are a network of close relationships. No past, but a present continuous of (re)searching, with no end and no beginning.

In Dialogue

The dialogue looks at our teaching as research practice, moving through the main questions, doubts, phases, and turning points, and going backward and forward trying to understand it a little better. The content is faithful to two aspects: (a) to facts, such as the structural change in the architectural degree brought by the Bologna process;

5 CORBOZ, André.
“Le Territoire comme palimpseste”, in **Le Territoire comme palimpseste et autres essais**, Besançon, Paris: Les Éditions de l'imprimeur, 2001, pp. 21-30 (1.st ed. 1983).

6 CORAJOUD, Michel.
“Le Paysage c'est l'endroit où le ciel et la terre se touchent”, in François Dagognet (ed.), **Mort du paysage? Philosophie et esthétique du paysage**, Actes du Colloque de Lyon, Collection Milieux. Seyssel: Champ Vallon, 1982, pp. 36-51.

Entre a proximidade e a distância, encontramos-nos numa copresença em que o tempo e o espaço são uma rede de relações próximas, num presente contínuo de (re)pesquisa, sem fim e sem começo.

Em diálogo

O diálogo reflete sobre o nosso ensino como prática de investigação, passando por perguntas, dúvidas, fa- ses e pontos decisivos, indo para trás e para a frente, tentando entender esta experiência um pouco melhor. O conteúdo tenta ser fiel a dois aspetos: a) aos factos, tais como a mudança estrutural no grau arquitetónico, trazida pelo Processo de Bolonha; b) à nossa experiên- cia vivida, que nos dá uma perceção específica dessa história. Outros certamente contá-la-iam de uma forma diferente, ou ressaltariam outras questões. Portanto, a reflexão engloba o papel participativo dos autores, re- jeitando a perspetiva positivista do *sujeito* independente do *objeto* de pesquisa, ainda presente na academia.⁷

Este diálogo desenrolou-se através de várias ques- tões. Qual é o objeto do nosso trabalho? Existe espe- cificidade? O que é específico? É o território, Vale do Ave, onde tudo começou? Ou os métodos, processos e ferramentas? É a representação, através do desenho? De que forma os nossos diferentes contextos contri- buíram para uma prática comum? Existe uma prática comum? O que nos inspirou, a nós e aos nossos alunos? Quais são os principais temas? Qual a diversidade de referências presente neste trabalho? São elas do campo da Arquitetura e do Urbanismo em sentido estrito? Ou estão imersas em outros campos, como a Paisagem, a Filosofia, a Arte, etc.? Quem nos nutriu, e com quê? O que aprendemos? As descobertas fornecidas pelo lugar são as que dão suporte às estratégias e aos projetos? Essas descobertas incluem as atividades da vida quotidiana e os traços físicos? Como é que nós incluímos (se incluímos) os seres que vivem nos luga- res? Quais são os principais materiais que suportam o projeto como investigação? E quanto aos vestígios,

⁷ CORBOZ, André.
«La Recherche: trois apo-
logues», in **Le Territoire comme palimpseste et autres essais**, Paris: Les Éditions de l'imprimeur, 2001, pp. 209-230 (1.^a ed. 1997).

and (b) to our lived experience that gives us a specific perception of this story. Others would certainly tell it in a different way, or would highlight different questions. Therefore, it embraces the participatory role of the au- thors, rejecting the positivist perspective of a *subject* independent from the *object* of research still present in academia.⁷

This dialogue unfolded through many questions. What is the object of our work? What is specific? Is there specificity? Was it in the territory of Vale do Ave where it all began? Or are the methods, the processes, the tools? Is the representation through drawing? In what ways do our different backgrounds contribute to a common practice? Is there a common practice? What has inspired our students and us? What are the main themes? What diversity of references is present in this work? Are they from the field of Architecture and Urbanism in the strict sense? Or are they immersed in other fields, such as Landscape, Philosophy, Art, etc.? Who and what have nurtured us, and our work? What have we learned? Do the findings given by the place support the strategies and design projects? Do these include the everyday life activities and the physical traces? How do we (if we do) include the beings that live in the places? What are the main material supports? And what about the invisible traces, dynamics, and networks? How do we find them and how do we describe them? What does being with- place mean? Questions not being fully answered keep their infinite openness.

This story is made of an immensity of simultaneous lines, which sometimes overlap, intersect, and share the same space; others run parallel and others move in opposite directions. More than a story, we should possibly talk about a (hi)story, that is: a story of greet- ings between each single being who *lived it*; those who *inspired it*; those who tell it now, and you.

Finally, “On Being With-it”⁸ primarily adopts the title and thinking of Peter Shephard in his 1969 presiden- tial address to RIBA where he argued for an amenities

⁷ CORBOZ, André.
“La Recherche: trois apo-
logues”, in **Le Territoire comme palimpseste et autres essais**, Paris: Les Éditions de l'im-
primeur, 2001, pp. 209-230
(1.^a ed. 1997)

⁸ SHEPHEARD, Peter.
“On Being With-it”,
RIBA Journal, December, 1969,
pp. 505-507.

8 SHEPHEARD, Peter.
«On Being With-it»,
RIBA Journal, December, 1969,
pp. 505-507.

dinâmicas e redes invisíveis? Como é que os encontramos e como os descrevemos? O que significa *being with-place*? Perguntas que, mais do que procurarem uma resposta fechada, mantêm a sua abertura infinita.

Esta história é feita de um sem-número de linhas simultâneas: umas sobrepondo-se, cruzando-se, compartilhando o mesmo espaço; outras correndo em paralelo; outras ainda movendo-se em direções opostas. Mais do que de uma *story*, devemos talvez falar de uma *(hi)story*, ou seja, uma história de saudações entre cada ser único que a viveu; os que a inspiraram, os que a expressam agora e o leitor.

Finalmente, e fundamentalmente, *On Being With-it*⁸ adota o título e o pensamento de Peter Shephard, expresso no seu discurso presidencial de 1969 no RIBA. Neste discurso, o autor reivindica a responsabilidade social dos arquitetos relativamente ao ambiente construído, a ser entendida de forma integrada: «Certamente, vejo a arquitetura, a paisagem e o urbanismo como uma operação, uma tarefa de construção do meio ambiente, e tudo o que eu [nós] estou [estamos] prestes a dizer será influenciado por isso.» Este é um princípio invisível que atravessa a alteridade da nossa prática. Na abertura deste livro dialógico, há sempre espaço para um ponto de vista alternativo, o *seu*, o *meu* e o *nosso*.

Segade de Cá
14-17 de junho de 2016

charter for architectural practice, pointing to the social responsibility of architects regarding the built environment in an integrative way: “Certainly I see architecture, landscape and town planning as one operation, one task of building the environment, and everything I [we] am [are] about to say will be coloured by this.” This is an invisible principle across the alterity of our practice. In the openness of this dialogical book, there is always space for an alternative viewpoint, *yours, mine and ours*.

Segade de Cá
June 14-17, 2016

01/02

02/03

03/04

04/05

05/06

06/07

07/08

09/10

10/11

11/12

12/13

13/14

14/15

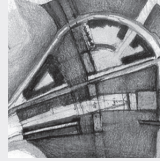
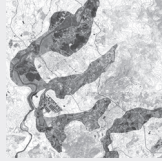
15/16

16/17

17/18

**PRÉ-BOLONHA
PRE-BOLOGNA**

Projeto V
Design Studio V
5.º ano / 5th year



**PÓS-BOLONHA
SINCE BOLOGNA**

Laboratório
de Urbanística
Urban Design Lab
3.º ano / 3rd year



**Atelier 1A: Paisagem
Landscape
Design Studio**
4.º ano / 4th year

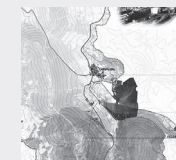
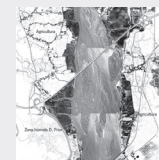
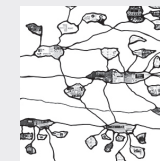
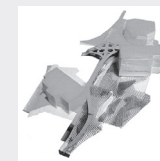
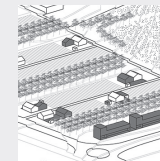
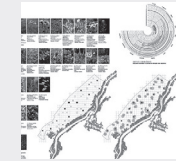
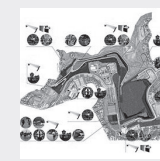
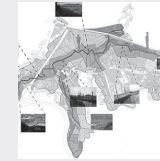
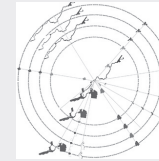
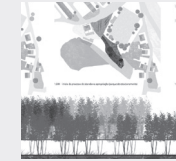
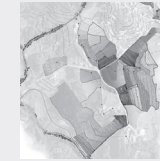
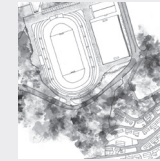
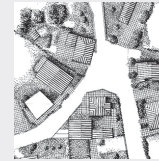
**Atelier 2A: Território
Territory
Design Studio**
4.º ano / 4th year

**Atelier 3A: Espaço
Público
Public Space
Design Studio**
5.º ano / 5th year

Teses de
Mestrado
Master Thesis
5.º ano / 5th year

Estrutura das unidades
curriculares de projeto na área de
Cidade e Território antes e depois
da reforma de Bolonha.

Structure of the City and Territory
design studio units before and
after the Bologna reform.



ON BEING WITH-HIM: COM QUEM INICIOU ESTA EXPERIÊNCIA

Manuel Fernandes de Sá

Professor Emérito da Faculdade de Arquitetura
da Universidade do Porto

Extrato da dissertação para obter o título de Professor Agregado do 2.º grupo de disciplinas do curso de Arquitetura da ESBAP. Prova de dissertação «O Médio Ave – Novas políticas municipais», 1986.

O modelo sociocultural e económico do Médio Ave

A pluriatividade sobrevive num determinado contexto territorial e acarreta uma forma de vida muito particular, com raízes históricas e culturais profundas, que se refletem na economia do agregado familiar.

Este fenómeno desenvolve-se por razões económicas e com base num substrato cultural ancestral, radicado numa profunda ligação à terra, visível no comportamento do operário industrial e do emigrante desejoso de voltar.

Cabral Ferreira sintetiza este fenómeno ao afirmar que «esta situação de pluriatividade, da qual a agricultura é o ponto axial, tem um enorme peso cultural, porquanto prolonga e permite prolongar modelos e atitudes habitualmente relacionadas com a ruralidade tradicional, nomeadamente o influxo da casa familiar, centro de referências e matriz de comportamento».¹

A família alargada sobrevive económica e culturalmente num espaço constituído pela habitação, respetivos prolongamentos e propriedade agrícola.

As reduzidas dimensões desta propriedade são o fruto de um longo processo histórico que remonta à alta Idade Média. Alberto Sampaio estuda exaustivamente este processo e refere: «Dir-se-ia que as terras cultivadas iam

1 FERREIRA, José Maria Cabral. «Do planeamento da cultura, à cultura do planeamento», *Sociedade e Território*, n.º 4, 1986.

ON BEING WITH-HIM: WITH THE ONE WHO TRIGGERED THIS EXPERIENCE

Manuel Fernandes de Sá

Emeritus Professor of the Faculty of Architecture
of University of Porto

Sociocultural and economic model of *Médio Ave*

Within certain territorial contexts, pluriactivity persists as a very particular way of life with deep-seated historical and cultural roots that reflect on household economies.

The phenomenon is driven by economic factors and rooted in ancestral class culture. Marked by a profound connection to the land, it can be observed in the behaviour of factory workers as well as in immigrants' longing for their homeland.

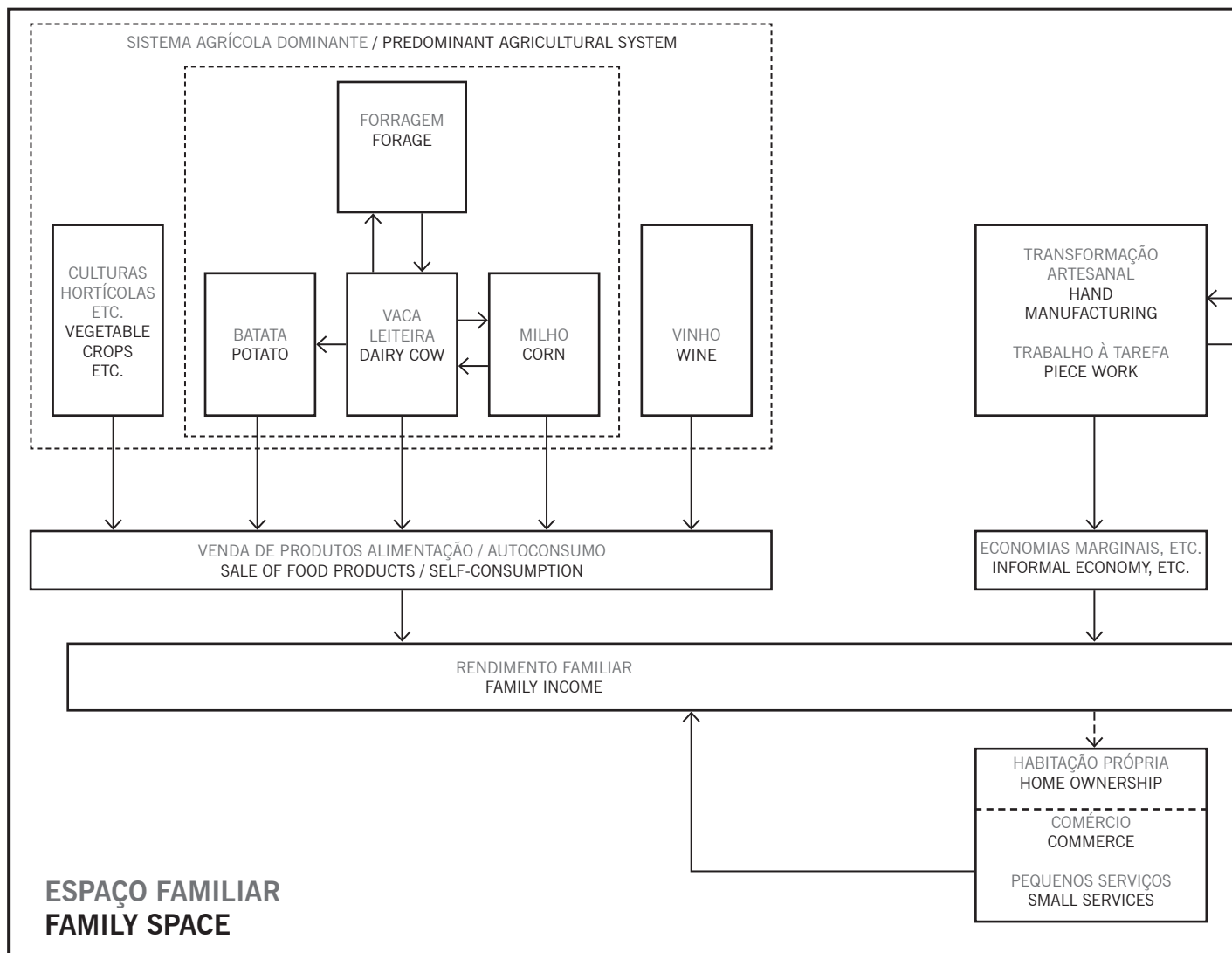
Cabral Ferreira sums up this phenomenon by stating that "agriculture-centred pluriactivity carries an enormous cultural weight, in the sense that it extends and allows for the extension of models and attitudes that are usually associated with traditional rurality, namely the central role of the family home as a source of reference models and behavioural patterns".¹

The extended family survives, both culturally and financially, within an area comprised of the family home, its extensions and farmlands.

The small area size of such properties is the result of a long historical process that began in the High Middle Ages. According to Alberto Sampaio, who has

Extract from the dissertation presented to achieve the title of *Professor Agregado* of the 2nd group of subjects of ESBAP's Architecture degree. Dissertation titled "O Médio Ave – Novas políticas municipais", 1986.

1 FERREIRA, José Maria Cabral. "Do planeamento da cultura, à cultura do planeamento", *Sociedade e Território*, n.º 4, 1986.



Esquema representativo do modelo socioeconómico predominante no Médio Ave.

Representative diagram of the predominant socioeconomic model in *Médio Ave*.

2 SAMPAIO, Alberto.
Estudos económicos. Vol. 1: As vilas do norte de Portugal,
 col. «Documenta Historica»,
 Lisboa: Vega, 1979.

chegar a um parcelamento extremo: e contudo não foi assim; o génio da raça, sem qualquer influência governativa, disto não há vestígios, fez parar o movimento dentro de justos limites, em média os das antigas subunidades; se eram grandes ou pequenas demais, dividiam-se ou agrupavam-se as glebas, de modo a formar-se, por mera ação popular, o tipo do casal histórico, adequado às condições da terra e porventura dos mesmos homens: com o casal de lavradores, formou-se também a parcela menor – a casa com campo e horta, ou só com a última, a residência do operário rural, empregado sobretudo nos mesteres relacionados com a lavoura. Os contratos, mencionados nos diplomas referentes a glebas, fazem-nos crer com a maior probabilidade, que deste período datam também essas parcelas mínimas, ainda hoje misturadas com as outras.»²

Fora desses espaços, elementos da família exercem a sua atividade por conta de outrem, normalmente na indústria, onde, além de auferirem os seus salários, usufruem de assistência social e médica, assim como de medicamentos, abonos e reformas, o que garante uma certa estabilidade do aglomerado.

No espaço que é propriedade da família, é frequente a elaboração de trabalhos à tarefa, executados pelos seus elementos e por vizinhos, dizendo respeito à execução de partes de produtos, acabamentos de peças, etc., normalmente ligados à indústria de confeções e vestuário.

A empresa encomendadora fornece a matéria-prima, faz a assemblagem e procede à comercialização do produto final.

Este sistema aumenta a sua competitividade e permite-lhe uma maior flexibilidade, na medida em que eventuais quebras de mercado não afetam diretamente o seu equilíbrio financeiro. Esta competitividade é aumentada pela informalidade da contratação de trabalho, e pela irregularidade da constituição legal das firmas, o que possibilita a fuga fiscal e a diminuição dos encargos sociais.

Esta situação, por um lado, permite ao agregado familiar um acréscimo dos seus proventos, por outro

researched this process in depth: “One would expect that cultivated farmlands would have become partitioned into extremely small parcels, yet this was not the case. Even without government intervention (there is no evidence of such intervention), the people’s ingenuity managed to contain this trend within reasonable limits, keeping the average parcel size close to that of historical subunits. If these were too large or too small, farmland parcels (known as *glebas*) would be either partitioned or aggregated so as to form, by popular initiative alone, the sort of traditional farm (or *casal*) best suited to the land’s features or the inhabitants’ circumstances. Farmer households brought about smaller parcels – a house with a small farmland area and a vegetable garden (sometimes just the latter) – residences of rural workers, whose primary occupation was in agriculture. The contracts mentioned in documents referring to the *glebas* lead us to believe that it is very likely that these tiny parcels, which still exist alongside other types of land parcels, were created during this period.”²

Some of the family members maintain jobs working for others outside these areas, usually in factories, where in addition to their wages, they benefit from social security, access to medicines and medical care, social aid and retirement pensions, providing some stability to the household.

The family residence is often the place where piecework, mainly manufacturing specific product parts, finishing pieces, etc., for the textiles and clothing industries is carried out by family members and neighbours.

The commissioning company provides the raw materials, assembles and markets the final product.

This system improves competition and allows for greater flexibility, since market downturns do not have a direct impact on the hiring company’s financial stability. Competition is further enhanced by both the informal nature of the work relationships and irregular set up of these companies, which allows for evasion of taxes and social charges.

2 SAMPAIO, Alberto.
Estudos económicos. Vol. 1: As vilas do norte de Portugal,
 col. «Documenta Historica»,
 Lisboa: Vega, 1979.

lado possibilita a compatibilização com a exploração agrícola da sua pequena propriedade, que, além de lhe fornecer uma quota-parte apreciável dos produtos alimentares que consome, dá eventualmente origem à venda de alguns excedentes.

É interessante frisar que este sistema agrícola em tempo parcial e com um regime de trabalho intensivo se caracteriza por uma sobreposição de culturas que se sucedem ao longo do ano e se conjugam por forma a maximizar a sua produção energética.

Por exemplo, a vaca, além de fornecer leite, produz estrume e tração, o que permite rentabilizar outras culturas, como o milho e a forragem, que, por sua vez, fornece a sua necessária alimentação.

A poupança assim permite a construção ou reconstrução da habitação, que frequentemente possui no rés-do-chão ou anexo um pequeno estabelecimento, armazém ou oficina, onde o aglomerado familiar procura novas fontes de rendimento.

Por vezes, esta poupança, associada à experiência entretanto adquirida na fábrica e no espaço familiar, dá origem à criação de pequenas empresas industriais autónomas. Frisa-se que grande parte destas empresas caseiras são marginais, e fortemente dependentes da conjuntura económica, o que cria obviamente uma insegurança, em termos de futuridade. A inexistência de vínculos contratuais legalmente estabelecidos, em relação ao trabalho assalariado quando existente, embora viabilize a atividade, prejudica a segurança desses assalariados.

Esta situação geral de pluriatividade não significa, no entanto, que a população da zona aufera de uma confortável situação financeira, mas apenas que, desta forma, consegue rentabilizar os seus recursos, e assim sobreviver e saber viver com a crise que atravessa. Qualquer intervenção planeada no Médio Ave implica um profundo conhecimento deste contexto sociocultural e económico, que se reflete não só no setor produtivo mas também nas formas espaciais da distribuição da construção e das atividades.

Such situations enable households to increase their income, while permitting them to carry out farming activities on their small properties, which in addition to providing food for their own consumption may even generate some surplus for sale.

It is worth noting that this part-time albeit labour-intensive farming system is based on overlapping crops, which succeed one another throughout the year and combine in order to maximise resources. For example, cows do not only produce milk, but also provide manure and traction power, contributing to an increase in the yield of crops such as corn and hay, which in turn provide their fodder.

The savings thus attained could be used to build or remodel the farmhouse, where a small shop, warehouse or workshop are often located on the ground floor or in an annex and can be used by family members to generate additional revenues.

Sometimes, household savings combined with experience gained working in a factory or at home result in the creation of small autonomous industrial units. A substantial portion of these home-based enterprises is informal and quite vulnerable to changes in the economic climate, which gives rise to a certain level of insecurity. The absence of legally binding labour relationships helps keep these small companies economically viable, but it is detrimental to their employees' income stability.

The widespread pluriactivity model does not necessarily mean that residents of the area enjoy financial prosperity. It does, however, allow them to make the most of their resources, thus enabling them to survive and cope with the current crisis. Planning an intervention in the *Medio Ave* requires an in-depth understanding of this underlying sociocultural and economic context, which reflects not only upon the productive sector but also on the spatial forms that result from the distribution of construction and related activities.

Located in an area marked by significant population dispersion, the parish of Moreira de Cónegos is a

A freguesia de Moreira de Cónegos, localizada numa zona de grande dispersão de povoamento, mostra claramente esta situação. É bem visível a miscigenação de funções, a proximidade entre locais de trabalho e de habitação, a profusão de pequenas empresas industriais e de serviços ligados à residência, a densidade da rede viária, etc.

Assim, considera-se essencial a proteção dos solos agrícolas, não só pela capacidade produtiva que possuem, mas também para evitar a destruição deste sistema de vida.

Esta preocupação de rentabilizar as atividades agrícolas deverá ser feita de uma forma coerente com este contexto, para o que é necessário encontrar soluções que permitam a coexistência entre estas atividades.

Uma atitude desinserida deste espírito poderá fomentar a ocorrência da construção clandestina e a destruição incontrolada dos solos que se pretende preservar.

Note-se que uma política agrícola mais voluntarista e que implique, por exemplo, uma estratégia de emparcelamento ou de agricultura de grupo, embora eventualmente interessante, é de difícil concretização por razões de carácter cultural de lenta evolução (arreigado sentido de posse da terra, partilhas, resistência ao associativismo), urbanístico (dispersão de povoamento, densidade da rede viária) e económico (equilíbrio do sistema de pluriatividade).

A manutenção e o aproveitamento dos aspetos positivos que este sistema apresenta implicam uma política de ordenamento do território muito específica, que deverá ter em consideração a facilidade de acesso entre a residência, o campo e a fábrica, dado que não pode suportar custos de transporte.

Esta ilação pressupõe uma intervenção que tenha por suporte a tipologia de povoamento existente, acompanhada de um esforço de racionalização do desenvolvimento urbano e de uma minimização dos efeitos negativos que provoca, nomeadamente no que respeita à preservação de recursos não renováveis e à qualidade ambiental.

clear-cut example of this. It exhibits such characteristic features as mixed activities, close proximity between homes and workplaces, a plethora of small industrial and service companies linked to family homes, high density of road networks, and so forth.

The protection of farmlands is therefore regarded as paramount, not only for their productive potential, but also to avoid the destruction of this way of life.

Any efforts to improve the profitability of farming activities must take this into account, seeking solutions that allow for coexistence of these disparate activities.

Taking action without due consideration for this balance could promote unlicensed construction and the uncontrolled destruction of lands that should be protected.

Although theoretically interesting, agricultural policies involving strategies such as land assembly or collective farming would be difficult to implement due to slow-changing cultural traits (a profound sense of ownership, estate settlement complications and a general scepticism regarding associativism), urban design issues (settlement dispersion and road network density) and economic reasons (the balance of the pluriactivity system).

Preserving and enhancing the positive aspects of this system requires a very specific urban planning policy: one that takes into account the population's need for easy access between homes, farmlands and factories, given that additional transportation costs would be unaffordable. This requires an intervention based on the current settlement typology and guided by an effort to rationalise urban development and minimise its negative effects, particularly with regard to the preservation of non-renewable resources and environmental quality.



F1010001



F1010002



F1010003



F1010004



F1010006



F1010007



F1010008



F1010009



F1010010



F1010011



F1010012



F1010013



F1010014



F1010017



F1010018



F1010019



F1010020



F1010021



F1010022



F1010023



F1010024



F1010025



F1010026



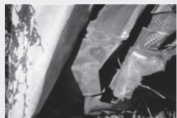
F1010027



F1010028



F1010029



F1010030



F1010031



F1010032



F1010033



F1010034



F1010035



F1010036



F1010037



F1010038



F1000003



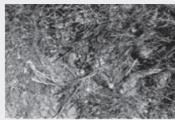
F1000004



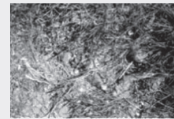
F1000005



F1000007



F1000008



F1000009



F1000010



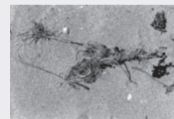
F1000011



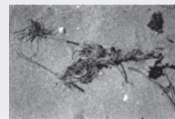
F1000012



F1000013



F1000014



F1000015



F1000016



F1000017



F1000018



F1000019



F1000020



F1000021



F1000022



F1000023



F1000024



F1000025



F1000026



F1000027



F1000028



F1000029



F1000030



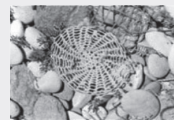
F1000031



F1000032



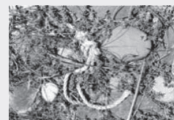
F1000033



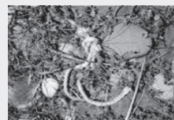
F1000034



F1000035



F1000036



F1000037



F1000038

ON BEING WITH-US: SOBRE A NOSSA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DO TERRITÓRIO

No dia 14 de março de 2016, os vários docentes da área de Cidade e Território da Escola de Arquitetura da Universidade do Minho encontraram-se com o objetivo de, em conjunto, refletirem sobre a experiência pedagógica nesta área. O texto que se apresenta aqui é a transcrição editada deste diálogo.

Aprender ensinando

CFS Já passaram quinze anos desde que a experiência pedagógica sobre território teve início na nossa ainda jovem Escola de Arquitetura. Vejo este nosso diálogo como uma oportunidade para um olhar cruzado sobre esta investigação, questionando-a e tentando entender que caminho foi este, e se a alteridade que o caracteriza está imbuída de algo único. Assim, começo este diálogo com duas questões: Qual é a especificidade da nossa prática, se é que ela existe; e o que é que aprendemos ao longo deste caminho?

ML A especificidade desta experiência comum passa por assumir-se como um processo contínuo de aprendizagem. Trata-se de um processo propedêutico, desenvolvido de forma lenta, e que questiona cada um dos passos seguidos acompanhando as dificuldades de trabalhar com o território, nomeadamente com o território difuso do Vale do Ave. Este processo é partilhado com os alunos, e eles próprios o experimentam partindo da simples pergunta «O que fazer?», para construir novas perguntas conforme visões próprias. A riqueza desta aprendizagem resulta da oportunidade de poder trabalhar junto dos professores Manuel Fernandes de Sá, Álvaro Domingues e Nuno Portas, entre outros,

CFS Cidália Ferreira Silva
DDP Daniel Duarte Pereira
IO Ivo Oliveira
ML Marta Labastida
RC Rute Carlos
VR Vincenzo Riso

ON BEING WITH-US: OUR EXPERIENCE TEACHING THE SUBJECT OF TERRITORY

On the 14th March 2016, the teachers responsible for the subject City and Territory [*Cidade e Território*] of University of Minho's School of Architecture met for a joint reflection about teaching in this field. The text presented here is an edited transcript of their dialogue.

CFS It's been 15 years since the pedagogical experiments on territory began in our then nascent School of Architecture. I see this dialogue as an opportunity to consider this research from different perspectives, questioning it and trying to understand the path followed and whether the alterity that characterises it is indeed imbued with something unique. So, I begin this dialogue with two questions: What, if any, is the specificity of our practice? What have we learned along the way?

ML The specificity of this shared experience is rooted in viewing it as a process of continuous learning. It's a slow propaedeutic process that questions every step in the process and considers the challenges posed by the work at territory level, specifically in the diffuse territory of *Vale do Ave*. This process is shared with the students and they experience it for themselves, starting from the basic question of "What to do?" in order to formulate new questions according to their own perspectives. The enormous value of this learning experience is due to the opportunity to work with Profs. Manuel Fernandes de Sá, Álvaro Domingues and Nuno Portas, among others, building on decades of theoretical and practical application. On the other hand, the fact that we have come

Learning by teaching

CFS Cidália Ferreira Silva
DDP Daniel Duarte Pereira
IO Ivo Oliveira
ML Marta Labastida
RC Rute Carlos
VR Vincenzo Riso

herdando um trabalho de décadas, aplicado tanto na teoria como na prática. Por outro lado, o facto de irmos de escolas distintas, com procedências, referências e metodologias próprias, multiplicou as possibilidades de abordagem desta aprendizagem.

CFS Parece-me ser muito a partir das perguntas, e não das respostas.

IO Quando se refere a necessidade de encontrar as boas perguntas, e as associamos à construção de visões próprias, relembro-me dos primeiros momentos da minha investigação de doutoramento. Uma investigação na área da Cidade e do Território, iniciada sem uma prévia experiência de ensino ou profissional. Logo nos momentos iniciais se tornou claro que a construção de uma visão própria não poderia ser plenamente desenvolvida com as ferramentas que nessa altura eu dominava. Iniciei a investigação com uma boa dose de ingenuidade, que possibilitou a exploração de caminhos que desconhecia. Tratou-se de um processo de aprendizagem que muito rapidamente se cruzou e sobrepôs ao próprio ensino.

CFS Também acho que é uma questão de atitude, não é? O Michel Corajoud propõe esta ideia que nós sempre abraçamos, do «projeto enquanto ferramenta de conhecimento». A Jane Rendell diz que ensina os alunos a «não saber», eu sinto muita cumplicidade com esta ideia.

DDP Agora vou fazer uma pergunta da perspectiva de alguém que entrou nesta história como aluno e depois como docente. Se os programas das unidades curriculares se debruçassem sobre os centros históricos, e não o «difuso» do Vale do Ave... isto é, não será que foi o desconforto do difuso, o facto de ser difícil encaixá-los nos modelos tradicionais em que o tecido urbano está consolidado, que nos levou a este esforço de questionar e de tentar produzir novos instrumentos para lidar com ele?

Aprender com o Vale do Ave

from different schools, with their own origins, references and methodologies, has contributed to the wide variety of options in terms of learning approach.

CFS It seems to me that it is more about the questions than the answers.

IO When we talk of the need to find the right questions and use them to build our personal views, I am reminded of the first stages of my PhD research in the field of City and Territory, which I began without any previous teaching or professional experience. Right from the start, it became clear to me that I would not be able to fully develop a vision of my own by using only those tools that I had mastered at that time. I started the research with a good deal of ingenuity, which ultimately enabled me to explore paths I was not aware of. This learning process very quickly intersected with and was incorporated into my teaching activity.

CFS I also believe that it's a matter of attitude, do you agree? Michel Corajoud proposed this idea, which we have always embraced, of the "project as a tool for knowledge". Jane Rendell says that she teaches students to "not know". I can really relate to this idea.

DDP I shall now ask a question from the perspective of someone who participated in this experience first as a student and later as a teacher. If the course programme focused on studying historical city centres instead of the diffuse territory of Vale do Ave... I mean, could it be that the difficulty in approaching the diffuse features using traditional models in which the urban fabric is consolidated was the real drive behind our efforts to question and try to produce new tools to deal with it?

CFS It was Manuel Fernandes de Sá who introduced the diffuse territory of Vale do Ave as a subject at the School, together with Maria Manuel Oliveira, during the

Learning from Vale do Ave

CFS Foi o Manuel Fernandes de Sá que introduziu o difuso do Vale do Ave como território de trabalho aqui na Escola, com a Maria Manuel Oliveira, no primeiro ano (2001-2002) de Projeto V do plano de estudos pré-Bolonha da Escola, no 5.º ano da licenciatura. Esse ano era dedicado a projeto urbano, algo também existente noutras escolas de arquitetura portuguesas, como o Porto ou Coimbra. Esta experiência foi seminal. O porquê deste território? Identifico duas razões: ser o território próximo, onde a universidade está integrada; e ser um território que ele conhecia muito bem, e não só no âmbito profissional, mas também académico. Vale a pena recordar a tese do Manuel, «O Médio Ave», de 1986. Há trinta anos. Tanto quanto sei, este foi o primeiro trabalho de investigação académica feito por um arquiteto sobre este território.

IO Simultaneamente, parece-me que no momento em que, na nossa escola, Manuel Fernandes de Sá introduz o Vale do Ave, já é possível ter um olhar crítico sobre os resultados dos primeiros Planos Diretores Municipais, datados do início dos anos 90. Assim, na nossa Escola, o 5.º ano surge num momento de questionamento de ferramentas e instrumentos que tinham na base um modelo urbano expansionista. Nesta circunstância surgem condições para a retoma e o desenvolvimento de ferramentas que, pelo menos no contexto português, estavam em segundo plano por não se lhes reconhecer especial operatividade na resolução dos problemas que no final dos anos 80 e início dos 90 se colocavam ao território.

DDP Sempre senti uma urgência generalizada na procura de referências mais contemporâneas, que se distanciassem dos autores e das práticas mais «canónicas». E isto é também muito visível nas teses de mestrado que começaram a ser feitas a partir da reforma de Bolonha. Mas é verdade que muitas das teorias e ferramentas já existiam, são trabalhadas e adaptadas à nossa condição específica.

first year (2001-2002) teaching Design Studio V of the School's pre-Bologna curriculum for the 5th degree year. That year was dedicated to urban design, which also existed in other Portuguese architecture schools, such as those of Porto and Coimbra. It was a seminal experiment. Why this territory? I would say for two reasons: the proximity to the School (the university is located within this territory) and the fact he knew the territory so well, both from professional and academic perspectives. It is worth recalling Manuel's thesis "O Médio Ave", dating back to 1986, thirty years ago. As far as I know, this was the first academic research work carried out by an architect on this territory.

IO Concurrently, it seems to me that by the time Manuel Fernandes de Sá introduced Vale do Ave into our School curriculum, it was already possible to critically examine the first municipal master plans, dating back to the early 1990s. Our School's fifth year corresponded to a time when the tools and instruments based on expansionist urban planning models were called into question. This context allowed for the rehabilitation and development of tools that at the time, at least in Portugal, were considered inferior, as they were not particularly useful in solving the territory problems that were being addressed during the late 1980s and early 1990s.

DDP I have always felt the urge to seek out more contemporary references that departed from more "canonical" authors and practices. This is also quite apparent in master's theses produced after the Bologna reform. However, it is also true that many of the theories and tools already existed; they were simply fine-tuned and adapted to our specific needs.

CFS What I realised, when I started working in this territory, was my lack of knowledge about it and that it stood in contradiction to what I had learned about urban design during my academic training at the Darq

CFS O que eu senti quando comecei a trabalhar neste território foi o meu desconhecimento relativamente a ele, e a discrepância com o que eu tinha aprendido na minha formação académica ao nível do projeto urbano no DARQ, em Coimbra, em 1995-1996. As duas coisas pareciam não bater certo – o território que eu olhava e o que eu sabia. Para mim, a pesquisa de novas referências, leituras, ferramentas, etc. começou por uma questão básica de necessidade, de entender o que olhava, de entender como se poderia atuar, projetar. O Ave representou de facto uma oportunidade, uma porta que abriu campos desconhecidos até então.

RC Eu, por exemplo, tive a oportunidade de fazer projeto de grande escala em Barcelona, na ETSAB, enquanto Erasmus, no mesmo ano letivo da Cidália. Nesta Escola, já estavam muito enraizadas as problemáticas sobre o estudo e a transformação do território, nomeadamente o território catalão, investigadas profundamente por Manuel de Solà-Morales e a sua equipa, as quais foram aprofundadas com a experiência posterior nos módulos de paisagem que fiz no Master em Girona com o Enric Batlle e a Teresa Galí-Izard, entre outros. Desta forma, estive em contacto com metodologias distintas, o que me permitiu uma aproximação ao território do Ave com menos estranheza. Daí, para mim, ser muito mais uma continuação do processo de aproximação e também uma questão de atitude relativamente à forma como questionamos, vemos e transformamos os territórios, o Vale do Ave ou outro.

CFS Mas a questão está mesmo aí: Como é que pessoas com percursos e referências tão diferentes se encontram nesta Escola, a investigar o território do Ave e outros, e criam algo que é operativamente comum? Foi a diversidade que produziu esta experiência, com linhas de fuga que se intersejam em perspetivas que se enriquecem mutuamente. Acho que é a alteridade de que falava no início que foi fazendo este caminho sem plano.

in Coimbra in 1995-96. There seemed to be some discrepancy between the territory I had before me and what I had learned. My search for new references, reading material, tools, etc., started out of basic necessity – I needed to understand what I was looking at, what to do and how to design. The Ave actually presented an opportunity, a door that opened to fields I did not know existed until then.

RC At ETSAB, the issues involved in the study and transformation of the Catalan territory were already well-known, thanks to the thorough research carried out by Manuel de Solà-Morales and his team. I would further explore these issues in the landscape modules of the Master's I took at Girona with Enric Batlle and Teresa Galí-Izard, among others. It gave me insight into distinct methodologies that allowed me to approach the Ave territory with a little more familiarity. Hence, for me this has much more to do with a continuation of the approach methodology followed and also a matter of attitude regarding the way we question, view and transform territories, be it the Ave Valley or any other.

CFS That is precisely the point: How people with such different paths and references end up together in this School, researching the territory of Ave, among others, and creating something that is functionally common? It was the diversity that enabled this experience, with vanishing lines intersecting in mutually enriching perspectives. I believe it was that alterity I mentioned at the beginning that unveiled this uncharted path. We question ourselves and ask our students to do the same, in a continuous process of trial and error. We certainly make many mistakes from which we learn.

ML The question that is really difficult to answer is “how” and “what” is designed in this territory. When you start designing, a number of questions that elude most well-known models are brought to light. I think this

Questionamo-nos e pomos os alunos a questionar-se também, num processo recorrente de tentativa e erro. E erramos muito, com certeza, e vamos aprendendo a partir daí.

ML A pergunta a que realmente é difícil responder é «como» e «o que» se projeta neste território. E quando se projeta, surge um conjunto de questões que fogem aos modelos mais conhecidos. Acho que esta foi a grande dificuldade que encontrámos e que continua a estar no eixo do pensamento e da crítica à intervenção no território contemporâneo.

CFS As referências que existiam eram muito ao nível do planeamento, num modelo visto a partir de uma ideia de expansão urbana. Quando o modelo da expansão é questionado, é como se caíssemos num vazio. Um vazio disciplinar e metodológico. E projetar o difuso do Ave a partir da expansão urbana não batia certo, porque não era um «vazio» para onde a cidade se podia expandir com os seus modelos morfológicos, estruturados na edificação e nas infraestruturas viárias, fazendo tábua rasa das preexistências. E aqui penso residir parte da dificuldade de projetá-lo, como a Marta referiu. Nos centros históricos, a consolidação dos tecidos é tão forte que dita as regras de transformação, ou melhor, de permanência, e a própria salvaguarda do património dá os princípios, ainda que nem sempre consensuais. Depois temos também o salto de escala da urbanização contemporânea, no qual o Ave se integra, a fase da «Cidade-Território», como André Corboz a designa, enfatizando a carência de instrumentos e objetivos de intervenção para nela operar. Não é aqui que nos enquadramos? Nesta procura?

A ausência de programa

ML A metodologia que usamos parece simples: pedir aos alunos que observem, percorram e descubram oportunidades de transformação do lugar. Isto é, aproximar-se do lugar e do projeto de forma simultânea,

was the greatest difficulty we had to face, and it is still the fulcrum of critical reflection on intervention in the contemporary territory.

CFS The available references focused mostly on planning according to a model based on urban expansion. When the expansion model was questioned, it was as if we fell into a disciplinary and methodological void. Designing in the diffuse territory of Vale do Ave from an urban expansion perspective just didn't seem right, because it was not an "empty space" into which the city could expand with its morphological models, organised around built form and road infrastructure, turning pre-existing features into a *tabula rasa*. I believe this may partly explain the design challenges Marta mentioned. In historical city centres, the consolidation of the urban fabric is so strong that it determines the rules of transformation, or, rather, of permanence. The very preservation of patrimony determines guidelines, even if these are not always consensual. Additionally, we must consider the increase in scale brought about by contemporary urban development trends of which Vale do Ave is such a clear-cut example – the "Territory City" stage, as André Corboz calls it, emphasising the lack of instruments and objectives for such an intervention. Isn't this where we fit in? In this search?

ML The methodology we use appears to be simple: we ask students to observe the place, walk around it and discover opportunities for transformation. In other words, approach the place and the project simultaneously, creating the tools they need to explain it, defining strategies to activate new relationships, anticipating potential scenarios based on reality... We've set the guiding principle of trying to observe and explain the actual territory/place, as opposed to trying to progress based on general apriorisms.

CFS Not giving the program right from the start... In this regard, I am reminded once again of Corajoud, who said

The absence of a programme

construindo as próprias ferramentas para o explicar, definindo estratégias para ativar novas relações, antecipando possíveis cenários com base no concreto... Estabelecemos como princípio orientador tentar saber ver e explicar o território/lugar concreto, em vez de avançar baseados em apriorismos genéricos.

CFS Sem dar o programa à partida... A este propósito, lembro-me mais uma vez de Corajoud, que refere não existir uma encomenda-tipo, ou que esta nem sempre é clara à partida, lançando ao projeto o desafio de criar a própria «ideia do programa».

IO Julgo que o envolvimento dos alunos na construção de uma encomenda, na definição de estratégias e no fortalecimento do vínculo aos lugares intervencionados é crescente. É cada vez maior o protagonismo e o valor estruturante dado a programas menos óbvios, decorrentes/enraizados em processos ou formas locais e de grande especificidade. Ou seja, trata-se de aceitar que a transformação futura do território vai ter de ser feita numa relação de menor dependência relativamente aos programas mais convencionais e, por norma, financiadores da transformação! Parece-me que já durante a minha formação eram muitas as leituras que evidenciavam este caminho, mas os exercícios de projeto urbano mantinham-se muito vinculados a um modelo expansionista e a porções de território nas quais era possível fazer tábua rasa, nomeadamente, de grandes parcelas nas franjas da metrópole pertencentes a antigos recintos industriais.

CFS Daí a questão da mudança de atitude. Temos tentado estar muito mais atentos ao que se encontra no lugar, ao entendimento dos seus processos, dinâmicas e especificidades. Em parte, ao que Sébastien Marot chama «suburbanismo», que cria o programa a partir do lugar, em oposição ao «superurbanismo», que cria o lugar a partir do programa.

that there are no standard commissions, or at least their nature isn't always obvious at the outset, challenging the project to create its own "idea behind the programme".

IO I believe that the students' involvement in fulfilling a commission, laying out strategies and strengthening the bond with the affected sites is becoming ever more commonplace. More and more, programs that are less obvious, very specific and rooted in local processes or forms are gaining visibility and structural value. In other words, it's about accepting that any future territory transformation will need to be carried out with a greater degree of independence from the more conventional programs that, as a rule, are the actual funding sources of that transformation! In the course of my training, I came across many interpretations that pointed to this. Nevertheless, the urban design exercises were closely linked to an expansionist model and to segments of territory where it was possible to "start from scratch", namely large parcels on the outskirts of the metropolis, parts of former industrial sites.

CFS Hence, the issue is one of attitude change. We have tried to be much more sensitive to what is in place, striving to understand its processes, dynamics and specificities. This is related to what Sébastien Marot calls *sub-urbanism*, which creates the programme based on the site, as opposed to *super-urbanism*, which creates the site based on the programme.

RC But it's not easy to begin or carry out a project that, from its inception, and from a teaching standpoint, will follow an undetermined path. It is informed by a number of interdependent factors. Again, the fundamental nature of the questions: How do we approach it? How do we establish a standpoint and choose a point of view? How do we establish the principles that will enable us to deal with complex variables and propose solutions to the problems identified? How can we design a strategy that broadens possibilities and incorporates different scenarios?

RC Mas não é fácil teres essa disponibilidade para começar, ou para arrancar com um projeto que à partida, e do ponto de vista do ensino, não sabes para onde é que vai. Está interdependente de uma série de fatores. Novamente, a questão fundamental das perguntas: Como nos aproximamos? Como fixamos um olhar e elegemos um ponto de vista? Como estabelecemos princípios que lidam com variáveis complexas e permitem avançar com soluções possíveis para os problemas levantados? Como formulamos uma estratégia que ofereça possibilidades e contemple cenários distintos?

ML É assim que aparecem novos contornos para o projeto: montar um processo sem ter conhecimento *a priori* do que é suposto executar. Isto obriga a escolher distintas opções de arranque, auscultar outras disciplinas, compreender dinâmicas e relações, das quais resultam distintas formas... entender o fator tempo e a sua capacidade transformadora... em resumo, colocamos os alunos num estado de desconforto.

DDP Parte-se de um desconforto académico que dará as bases para saber trabalhar no mundo profissional, onde o projeto não é um processo linear.

IO E eu pergunto: Até que ponto isto tudo que estamos aqui a dizer não é sinal dos tempos? Isto é, com a falta de encomenda não se começou a pôr em causa o modelo de Escola baseado numa ideia de autores, de projeto-produto, de leitura linear? Começa-se a defender uma ideia de cumplicidade. Cumplicidade com os lugares, com as pessoas e até mesmo entre arquitetos.

RC Sim, a questão do desconforto está exatamente muito vinculada à aproximação que fazemos dos lugares, à estranheza perante o que encontramos, nomeadamente os elementos aos quais tradicionalmente não daríamos relevância: como os elementos naturais, água, solo, vegetação, na relação com as pessoas e a forma

ML This is how new project outlines materialise, as we put a process together without the preconceived knowledge of what is supposed to be done. This requires us to make different choices at the outset, to explore other disciplines, to understand dynamics and relationships that result in different forms... to understand the time factor and its transforming capacity... in short, we put students in a state of discomfort.

DDP It starts from an academic discomfort that will serve as a basis for learning how to work in the professional world, where the project is not a linear process.

IO I wonder, to what extent everything that we are saying here is not a sign of the times? That is, in the absence of a commission, do we not begin to question the model of a School based on the idea of authors, the architectural project-product or linear interpretation? One begins to advocate for complicity – complicity with the places, the people and even among architects.

RC Yes, the issue of discomfort is very closely related to the approach we take to places, to the strangeness of what we find. Namely, the natural elements of water, soil and vegetation, to which we traditionally would not give relevance, and the way that they relate to people and how people appropriate, transform and adapt them to their lives and needs in a constant relational change. We encourage the students to get involved in the site... yes, exactly – it is a very tangible proximity to the work territory and the problems that it poses to us.

ML The introduction of landscape into the teaching of architecture has been of key importance. Landscape is sometimes considered a little shallow, but important nevertheless... However, it is possible to approach it without divisional, disciplinary or dichotomous visions. This way we incorporate landscape based on its functionality, starting with the visual reflection about representa-

The tools to address landscape

As ferramentas da paisagem

como estas se apropriam deles, os transformam e os adaptam às suas vidas numa permanente mudança relacional. Estimulamos os alunos a embrenharem-se no lugar... sim, exatamente, é uma proximidade muito clara em relação ao território de trabalho e às problemáticas que ele nos coloca.

ML A introdução da paisagem no ensino da arquitetura tem sido uma chave importante. A paisagem, muitas vezes, aparece como uma coisa um pouco oca, mas ao mesmo tempo importante... Mas é possível aproximarmo-nos sem divisões, especialidades, nem visões dicotômicas. Assim incorporamos a paisagem com base na sua operatividade, que abarca desde o pensamento visual relacionado com a representação, que demanda o aproveitamento de recursos do lugar, que introduz a temporalidade, que integra lógicas e naturezas muito distintas, que não entende limites nem escalas... Pela sua relevância, na revisão de Bolonha abrimos o Atelier de Paisagem, não sei se era necessário, mas quisemos assumir essa posição.

IO Começar o 2.º ciclo com o Atelier de Paisagem, que por sua vez é apoiado por uma unidade curricular designada «Da Cidade à Paisagem», é desafiante. No entanto, o choque decorrente da introdução deste olhar é atenuado, porque no ano anterior os alunos frequentam Laboratório de Urbanística, que trabalha muitos dos temas, lugares e ferramentas que vão ser aprofundados no Atelier de Paisagem. Através da paisagem confere-se protagonismo a leituras que muito facilmente voltam a ser trabalhadas nos *ateliers* de projeto seguintes. É normal ver alunos do Atelier de Espaço Público a manipularem temas relacionados com o tempo, os recursos naturais, os sistemas ecológicos ou económicos ou até mesmo os ciclos produtivos. Temas que podem estar lado a lado com estratégias mais comuns, suportadas por programas de equipamentos ou habitação.

tion, which involves making use of the site's resources, considering temporality and combining very diverse rationales and outlooks without being constrained by limits or scales... Its relevance led us to introduce the curricular unit Landscape Design Studio [*Atelier de Paisagem*] during the implementation of the Bologna reform. I don't know if it was necessary, but we wanted to take that stance.

IO The initiation of the course's 2nd cycle curriculum with Landscape Design Studio, which in turn is supported by a curricular unit called From the City to Landscape [*Da Cidade à Paisagem*] has been challenging. However, the shock caused by the introduction of this outlook is mitigated as students will have attended Urban Design Lab [*Laboratório de Urbanística*] in the previous year, a subject that deals with many of the themes, places and tools that will be further addressed in Landscape Design Studio. Through landscape design, prominence is given to interpretations that are very easily rehashed in the following design studio units. In Public Space Design Studio [*Atelier de Espaço Público*], students regularly address topics related to time, natural resources, ecological and economic systems or even production cycles. These themes may exist alongside more common strategies, supported by programmes involving new housing or equipment.

ML There are issues such as transversal scales, the importance of time, processes and cycles... that arise directly from the consideration of landscape and guide our work on any type of project towards defining its open character.

CFS Time originates from the landscape but also from planning. And so does uncertainty. We must not forget the relevance of Nuno Portas' thoughts on time and uncertainty – an example of the different references we ended up intersecting here. In the early years, Design Studio V students would ask: "Is this architec-

A relação com a mudança disciplinar

ML Há questões como a transversalidade de escalas, a importância do tempo, dos processos, dos ciclos... que derivam diretamente de uma visão paisagística e que nos levam a trabalhar qualquer tipo de projeto definindo o seu caráter aberto.

CFS O tempo vem da paisagem, mas também do planejamento, assim como a incerteza. Não nos podemos esquecer da importância do pensamento de Nuno Portas sobre o tempo e a incerteza. Exemplos de referências distintas, que acabámos por cruzar aqui. Nos primeiros anos, a Projeto V, os alunos perguntavam: «Mas isto é arquitetura?» Tinham muito uma ideia preconcebida de que a arquitetura era só desenhar edifícios.

ML Isto é um assunto que certamente ainda não resolvemos no âmbito da profissão. Podemos debater isto um pouco mais, mas continuo a achar que os contornos do projeto e da profissão estão a mudar. Entendo que os alunos devem estar preparados para absorver e esperar um certo grau de ambiguidade e abertura da nossa disciplina.

IO A verdade é que, apesar dos nossos percursos distintos e das especificidades das investigações que desenvolvemos nos nossos doutoramentos e com os alunos, se produz um conjunto rico de informação que tem como característica comum o exigir ao projeto uma maior manipulação e diluição das fronteiras da disciplina.

VR Faz parte da evolução disciplinar que houve ao longo do tempo. Falo pela unidade curricular de Laboratório de Urbanística, e será certamente igual nos *Ateliers*, que nós fomos alterando, acompanhando aquelas que são as dinâmicas da profissão. E isto foi possível, penso, porque não havia o peso de uma tradição disciplinar interna, na Escola, como diz o Ivo. Claro que onde há uma tradição é sempre mais difícil criar alternativas. Foi

ture?” Many of them shared the preconception that architecture was just about designing buildings.

ML This is an issue that clearly hasn't been resolved, even in the professional context. We can take this debate a little further, but I still feel that the boundaries of the project and the profession itself are changing. I believe that students must be prepared to expect and deal with a certain degree of ambiguity and openness in our discipline.

IO The truth is that, despite our different personal paths and the particularities of the research we carried out in the course of our PhDs and through working with students, we managed to produce a rich cache of information with a common element: project work that requires additional manipulation and a certain blurring of the discipline's boundaries.

VR This is part of a disciplinary evolution that has been taking place for some time. I speak for the curricular unit of Urban Design Lab, but I'm sure the same happens in the different Design Studios [*Ateliers*], which we have been modifying in order to keep up with changes in the field. I believe this was only possible because, as Ivo says, we didn't have the inertia of an internal disciplinary tradition at the School. Naturally, in places where a tradition exists, there is always more resistance to introducing alternatives. It was almost... I wouldn't say easy, but we spontaneously turned our view to what was happening “outside”. And now, those dynamics you referred that involve facing the project as a strategy, as a process, are moving from the field of the territory into architecture. If we look at it in perspective over a period of time, the School's existence, particularly from the moment this subject area started in 2007-08, coincided precisely with this shift. This is something new, as the debate and general panorama of the discipline were much more stable. Looking at the project experiments carried

The relation with disciplinary changes

quase, não digo mais fácil, mas foi espontâneo virar o olhar para aquilo que estava a acontecer fora. E agora, essas dinâmicas de que se fala, do projeto enquanto estratégia, enquanto processo, movem-se mesmo da área do território para a arquitetura. Se olharmos em perspectiva ao longo do tempo, o tempo da vida da Escola, e particularmente a partir do momento de abertura da área disciplinar (2007-2008), coincide exatamente com essa mudança. Coisa que antes não era, o panorama e o debate disciplinar eram muito mais estáveis de alguma forma. Nos ensaios de projeto desenvolvidos ao longo dos anos a Laboratório de Urbanística, notamos, por exemplo, como no início se tratava de desenhar porções de tecido urbano de substituição, ou seja, de desenhar novas configurações para terrenos que já tinham sido urbanizados. Depois, gradualmente, chegou-se a pôr a questão da revitalização de porções de tecidos/territórios abandonados ou subutilizados, tentando não recorrer à substituição.

CFS Sim, esse virar o olhar foi acontecendo de forma intuitiva, por necessidade, e também por nos encontrarmos a trabalhar neste laboratório que é o Ave, que nos foi questionando.

VR E também, as condições socioeconômicas tinham outra estabilidade, outra expressão. Explicitar isto penso que seja útil para vincar a originalidade da nossa posição, no trabalho de síntese que tem vindo a ser feito. Até porque eu venho muito de uma formação tradicional, mas que aqui não me parece que tenha sido um obstáculo.

ML Todos nós vimos de uma formação bastante tradicional. Muitas vezes me questiono se não é necessário ter estas bases sólidas para fazer este salto?

IO Essas bases talvez estivessem associadas a um espetro menos alargado, a uma visão mais contida da

out over the years in the Urban Design Lab, for example, we can see that in the beginning they focused more on designing replacement sections of urban fabric, in other words, on creating new layouts for areas that had already been developed. Then, gradually, we raised the issue of revitalising abandoned or underutilised urban fabric/territory sections without replacing them.

CFS Yes, that change in outlook happened intuitively, out of necessity, and also because we began working in this laboratory, the Ave, which has been challenging us ever since.

VR Additionally, the socioeconomic context was more stable and very different. I think it is worth clarifying this in order to underline the originality of our effort toward synthesis. Personally, I come from a very traditional academic background and I don't think that has hindered me at all.

ML We all come from fairly traditional academic backgrounds. I have often wondered if those solid foundations aren't necessary in order to make this leap?

IO Perhaps those foundations were associated with a narrower spectrum, a more restrained view of the discipline, but they result from profound research. I can't forget the discoveries I made during my first years of study, which I associate with the classroom, but also with the trips, conferences and bar conversations with colleagues and teachers. We gave two hundred percent to the course, something that today seems impossible – it's something that just doesn't fit with the circumstances of contemporary students, and the fact is we find it very hard to change that.

VR I think it is a valid concern, one that requires special care from those who organise the study plans: to introduce topics gradually to avoid rushing things. On

disciplina, mas a verdade é que eram trabalhadas em profundidade. Eu não me esqueço das descobertas dos meus primeiros anos de curso, e que associo à sala de aula, mas também às viagens, às conferências, às conversas de café com colegas e professores. Fazia-se o curso a duzentos por cento, algo que hoje parece ser impossível, que não encaixa no atual cotidiano dos nossos alunos, e a verdade é que nós temos muita dificuldade em mudar isto.

VR Eu acho que é uma preocupação válida, e implica sobretudo da parte de quem montar as disciplinas ter essa atenção em introduzir as coisas com a devida gradualidade. Por outro lado, é verdade que aquilo que hoje se pode considerar como base não é o mesmo que era há uns tempos. A disciplina e o saber evoluíram. A experiência que vamos acumulando é de alguma maneira já uma síntese que nós vamos transmitindo nas unidades curriculares. É uma síntese que faz um ponto de situação no tempo em que falamos. E visto do lado ainda de quando era aluno, acho que parte do tempo que eu dediquei a fazer exercícios repetitivos poderia ter sido mais frutuoso a fazer outras coisas.

RC Vocês que tiveram a experiência de lecionar Projeto V, há uma diferença muito grande do que se fazia na Escola antes e depois da reestruturação de Bolonha?

ML Por um lado, nas unidades curriculares de projeto (agora Atelier), passamos a ter menos tempo de contacto com os alunos e a ser semestrais, mas, por outro, a abertura de mais unidades curriculares na área de Cidade e Território criou percursos muito diversificados, tanto por parte dos alunos como dos professores. Também as unidades curriculares de Seminário e Obrigatória associadas a cada Atelier permitem oferecer mais tempo à discussão, à exposição e acompanhamento teórico, complementando e enriquecendo o processo de projeto.

**(Des)continuidades:
antes e depois do
processo de Bolonha**

the other hand, it is true that what we now consider as a foundation is not the same it was some time ago. The discipline and the knowledge base have evolved. To a point, the experience we acquire is somehow already a synthesis that we pass on in the curricular units. It's a synthesis that results in an update every time we verbalise it. And, in retrospect, I feel that part of the time I spent performing repetitive exercises as a student could have been more productively spent on other things.

RC To any of you who experienced teaching Design Studio V, did you feel a significant change in the School after the implementation of the Bologna reform?

ML On the one hand, we now spend less time with students in the curricular units dedicated to project design (which are now called *Ateliers*), as those units changed to semi-annual, yet on the other hand, the introduction of other curricular units in the field of City and Territory broadened the range of curricular possibilities for both students and teachers. Also, the *Seminário* and *Obrigatória* curricular units associated with each Studio allow more time for theoretical discussion, presentation and follow-up, which complements and enriches the project design process.

CFS I think there's a big difference because, previously, when students reached the 5th year and began their work in Design Studio V, they exhibited very fragile foundations. I remember how hard it was to get them to draw. They produced two types of drawings: ones with coloured patches describing zoning and those of buildings and roads corresponding to the only morphological elements they were able to recognise. In the "coloured patch" drawings, the green patches were unforgettable, as they included all sorts of things, such as farmland, forest, gardens, parks, and so on. I can't tell you how many hours I spent trying to explain to them that the green patches were obliterating the territory's wealth of

**(Dis)continuities:
before and after the
Bologna reform**

CFS Eu acho que há uma diferença grande, porque quando os alunos nos chegavam no 5.º ano para fazer Projeto V tinham bases muito frágeis. Lembro-me da dificuldade de os pôr a representar. Os desenhos variavam entre dois tipos: os de manchas de cor correspondentes a um zonamento e os dos edifícios e vias correspondentes aos únicos elementos morfológicos que eles reconheciam. Nos de mancha, o «verde» não dá para esquecer, e incluía coisas muito diversas, desde agricultura, floresta, jardins, parques, etc. Quantas horas a tentar explicar que o «verde» estava a anular toda a riqueza existente no território! Quando desenhavam edifícios e vias, ficava no vazio, sem representação, tudo o «resto», que no Ave é estruturante, como a estrutura parcelar, o suporte físico, etc. Era de facto muito difícil estar-lhes a explicar elementos básicos da morfologia urbana, e, ao mesmo tempo, estarmos a trabalhar num território que tinha lógicas e dinâmicas específicas, e ainda a pedir-lhes para intervir nele. Com a reforma de Bolonha, os alunos entram mais cedo nas questões do território, com o Laboratório de Urbanística no 1.º ciclo, no 3.º ano. Acho que por reação aos desenhos em mancha de cor de Projeto V, nos primeiros anos os alunos só podiam desenhar a preto-e-branco e à mão, e funcionou. Também isto mudou, entretanto, mas isso é outro assunto. O objetivo continua a ser dar instrumentos para o seu trabalho enquanto arquitetos, e para que quando chegarem ao 2.º ciclo e forem confrontados com o projeto-estratégia possam dar o salto de forma segura. Gostava de saber a versão do teu lado, Daniel, porque tu fazes parte da primeira turma de Laboratório de Urbanística, em 2007/2008.

DDP Laboratório de Urbanística marcou-me muito, porque foi o início deste processo de começar a quebrar muitos dos equívocos que trazia relativamente a trabalhar na grande escala. Eu cresci neste tipo de territórios, do Minho difuso, como muitos alunos desta Escola, e lembro-me de ter ganho uma nova consciência para

features! When drawing buildings and roads, they would leave out all “the rest” – all of the other structural elements in Vale do Ave such as parcel structure, physical features, etc. It was very hard for us to explain to them the basic elements of urban morphology while working on a territory with such specific logical dimensions and dynamics, and then ask them to intervene in it. After the Bologna reform, students were introduced to territory issues at an earlier stage, through Urban Design Lab in the last year of the 1st cycle. In the first few years, maybe due to a reaction to Design Studio V’s “coloured patch” drawings, the students were only allowed to draw by hand in black and white, and it worked. This too has changed, however, but that is a different matter. The goal is still to provide them with the tools for their work as architects so that, when they reach the course’s 2nd cycle and are confronted with the project-strategy, they can make that transition more smoothly. Daniel, I would like to know your opinion about this, since your class was the first to try the Urban Design Lab in 2007/2008.

DDP The Urban Design Lab left a real impression on me because it coincided with the time when I first began addressing many of my misconceptions related to large-scale work. Like many students in this School, I grew up in this type of diffuse territory, in the Minho region. I recall developing a renewed awareness of the territories that were so familiar to me. I started with very simple things, such as figuring out the boundary elements that divided property limits, drawing stone walls, materials, vegetation, crop systems, uses, water courses, farming... I committed myself to the representation of these territories based on the existing elements that defined them. I had to become a detective searching for clues, moving between small and large scales in order to interpret and understand these territories. I also looked for traces of occupations and activities from the past, which are no longer in place but had left their imprints on the territory. I tried to *read* the territory from a time perspective, like

O olhar específico: aprender com o lugar

estes territórios que me eram tão familiares. Partia de coisas muito simples, como perceber quais eram os elementos de delimitação de propriedades, desenhar os muros, os materiais, a vegetação, os sistemas de plantação, as atividades, as linhas de água, a agricultura... comprometer-me na representação destes territórios através dos elementos que lá existem e que os caracterizam. Tinha de me tornar um detetive que vai atrás das pistas, desde a escala próxima até à grande escala, para conseguir ler e entender estes territórios. E outra coisa: procurar pistas do passado, de ocupações e atividades que já não existiam, mas que tinham deixado marcas. Ler o território de uma perspetiva temporal. Ler o *território como um palimpsesto*, como aprendemos com as inúmeras leituras do texto de André Corboz. A outra coisa, e que está relacionada com a primeira, tem a ver com a possibilidade de construir uma interpretação que é pessoal. Isto é, não tenho de me agarrar imediatamente a modelos, teorias ou a uma linguagem já existente, como a dicotomia do rural/urbano, e posso construir o meu olhar específico, meu, através de um contacto direto com o lugar. E podia-lhe dar um nome. Um nome, uma palavra que passasse a existir agarrada ao lugar e que sintetizasse a minha interpretação.

CFS O chamado «olhar específico» pretendia explicitar esse envolvimento do ato de interpretar-representar no encontro de algo único no lugar, antecipando que interpretar-representar já é de alguma forma transformar. Aprender a partir do lugar, e não só a partir dos livros. Ou seja, que o lugar é uma fonte de conhecimento. A palavra-fotografia, que pedimos aos alunos após o primeiro contacto com o lugar, é o instante catalisador do olhar, mas que ressalta outro aspeto que também me parece relevante na nossa posição: a questão da linguagem. Fomos aprendendo com os lugares que chamamos como o «verde», o «vazio», etc. não correspondiam ao que encontrávamos nos lugares. Daí explorarmos e

a *palimpsest*, as we learned from the countless readings of André Corboz's text. Also relevant is the possibility of developing a personal interpretation. I didn't have to hold on to pre-existing models, theories or languages, such as the rural/urban dichotomy, but instead I could build my specific view, my own view, through direct contact with the site. And I could give it a name. A name – a word that from that point onwards would remain associated with the site, and that I felt summarised my interpretation.

CFS The “specific view” was intended to clarify this application of the act of interpreting-representing to the encounter with something unique at the site, anticipating that interpreting-representing is in itself a form of transforming. Learn from the site, not just from the books. In other words, the site is a source of knowledge. The photo-word combination that we required from our students after their first contact with the site is the catalyst of this view, but it also emphasises another aspect that I believe to be of great importance in our stance: language. The sites have taught us that catchwords such as “green zone”, “void”, etc. didn't apply to what we were finding. That's why we explore and discuss words so much – they, too, are a form of representation. Robert Smithson says we have to find the site's language and, for me, this is really important and very relevant to our research. Visual representation intersects verbal-written representation in the pursuit of the site's language.

ML I remember, in the beginning, when students were asked to describe their experience upon return from a site visit, I couldn't fathom why they had such trouble with it...; it was, perhaps, too close to their day-to-day, far from their architectural imaginary, and therefore valueless; perhaps, because it did not seem complete, or at all interesting... Starting out from cartography would have made it easier to adopt structuralist, less functional, views. The ease with which photographs are taken allowed for hundreds of images to be gathered... Introduc-

The specific view: learning from the site

discutirmos muito as palavras, que são como sabemos também uma forma de representação. Robert Smithson diz que temos de encontrar uma linguagem do lugar, e para mim isto é mesmo importante, e acho que se aplica muito à nossa investigação. A representação visual cruza a verbal-escrita nesta procura de uma linguagem do lugar.

ML Lembro-me de que no início, quando os alunos voltavam de visitar o lugar e tinham de explicar a experiência, eu não percebia porque era tão difícil...; se calhar era por ser demasiado próximo do seu quotidiano, por ser longe daquele imaginário arquitetónico, e por isso sem valor; se calhar, por não lhes parecer completo, até diria que interessante... começar pela cartografia simplificava visões estruturalistas, mas pouco operativas. A facilidade de fotografar permitia centenas de imagens... A introdução da escolha de uma foto e da palavra-chave obrigou a fixar um posicionamento e a aproximar o olhar ao lugar. Esta mudança de posição, frontal perante o lugar, e não com base na cartografia, como era suposto por se tratar de questões do território (de grande escala), permitiu contornar a primeira dificuldade de olhar o difuso. Assim, o lugar e a sua especificidade começaram a ganhar protagonismo. Deixamos para uma fase posterior a leitura cartográfica para nos colocarmos no próprio lugar, e dali questionar as suas múltiplas dimensões. Mas, por uma questão de escala, este posicionamento também traz consigo uma atitude perante o lugar. É isso: uma questão de atitude que se inicia nesta escola e que acompanha todo o processo do projeto.

IO É através de uma grande proximidade que se consegue desenvolver estratégias de análise e de projeto adaptadas aos objetos em estudo. Estratégias que se ajustam, modificam em função das observações, das informações recolhidas e dos percalços encontrados. Do confronto entre os alunos e os lugares têm resultado

ing the requirement of selecting a photo and assigning a keyword to it forced the students to choose a stance and take a closer look at the site. This change in perspective, facing the site instead of being based on cartography – as would be expected when dealing with territory (large scale) problems – enabled them to overcome the first hurdle in grasping the diffuse territory of Vale do Ave. From this point on, the site and its character became increasingly relevant. We left the cartographic analysis to a later stage and positioned ourselves on the site so that we could question its multiple dimensions. Due to the scale, this positioning also entails an attitude towards the site. This is an attitude that was born in this School and envelops the whole design process.

IO Close proximity is the key to developing analysis and design strategies that are tailored to the study object-strategies that suit it and can be adjusted in accordance with findings from direct observation, the collected information and any obstacles that may arise. This confrontation between students and sites gave rise to different interpretations, whose relevance and originality reflect the sort of pertinence and interest afforded only by comprehensive and intimate knowledge of the sort that, according to Boaventura Sousa Santos, connects us to the object of our research. This type of knowledge is a not product of a somewhat passive contemplation of the places, but rather from a contemplation capable of interrogating reality and provide meanings, a critical contemplation that leads to change and in which intuition, subjectivity, and rationality are engaged in the search for something deeper.

DDP This fascination for the site is deeply rooted in the position of curiosity. A site is home to many different interpretations, depending on where we stand in relation to it and the questions we ask of it. There is always something new to learn and discover. Moreover, the project doesn't have to be something linear, where

leituras cuja relevância e originalidade revelam a pertinência e interesse de um conhecimento compreensivo e íntimo, que, segundo Boaventura Sousa Santos, nos une ao que estudamos. Trata-se de um conhecimento que não resulta de uma espécie de contemplação passiva dos lugares, mas sim de uma contemplação capaz de interrogar o real e de conferir sentidos, uma contemplação crítica que produz mudanças e na qual a intuição, a subjetividade e a racionalidade são complementares na procura de algo mais profundo.

DDP Esse fascínio pelo lugar está fortemente alicerçado numa postura de curiosidade. Um lugar contém em si muitas leituras diferentes, depende da forma como nos posicionamos perante ele e das perguntas que fazemos. Portanto, há sempre algo a aprender e a descobrir. E o projeto não tem de ser uma coisa linear no qual toda a gente se rege sobre as mesmas premissas. Não é uma visão única. É possível desmontar conceitos que temos como certezas. Eu fiz isso constantemente enquanto estudante e continuo a fazê-lo.

CFS Relativamente ao projeto, acho que é consensual, na prática disciplinar, que não se tem de ter uma visão única; pelo contrário, é precisamente aí que reside a diferenciação da autoria criativa. Mas relativamente ao lugar já não é bem assim. As análises territoriais podem ser bastante mais ortodoxas, sistematizando-o «cientificamente» através de temas como os usos, as tipo-morfologias, as infraestruturas, etc. Trazem com certeza informação muitíssimo relevante, mas têm, quanto a mim, um equívoco subjacente que é a postura científico-analítica da separação. Separa para depois juntar... Mas esta separação não corresponde ao princípio hologramático dos lugares «o todo está na parte que está no todo». Por outro lado, metodologicamente pode criar uma outra separação, entre análise e projeto, o que pode provocar uma outra separação ainda mais problemática: entre o projeto e o lugar. Na nossa apro-

everyone is working based on the same premise. It's not a single vision. It's possible to challenge concepts instead of holding them as fixed. I used to do this all the time when I was a student, and I still do.

CFS In as far as regards the project, I believe it's widely accepted that you don't need to follow a single vision. In fact, that is precisely where creative authors stand out. However, when it comes to the site, that is an altogether different matter. Territory analysis can be much more orthodox, resorting to "scientific" stratification according to classes such as land use, typology and morphology, infrastructure, etc. It, unarguably, produces highly relevant information, but, I feel, it is based on an underlying misconception inherent in the scientific-analytical method of separation. It separates individual elements before connecting them again... However, this separation is not compatible with the application of the hologrammatic principle "the whole contains the part and the part contains the whole" to sites. It may also give rise to a methodological divergence between analysis and project, which can lead to yet another, even more critical rift: between the project and the site. Our approach, I feel, permits overcoming these dichotomies. Our specific view "sees across", enabling a relational continuity between site and project, between learning from the site and transforming it. This experience taught me that a site's character cannot be reduced to a single *genius* – this becomes quite apparent just by thinking about its mutable nature. This also frees us from the *genius loci* as a univocal "identity" that freezes the site. Another thing I learned was that a place is not limited to an area, it's not reducible to metric dimensions, it has no precise physical limits; places are like a liquid that overflows.

IO This is a view developed by an observer-actor that is constantly changing the relevance of certain phenomena. As one looks, the view is constantly refreshed by new associations and syntheses. These procedures unfold

ximação acho que estas dicotomias são ultrapassadas. O olhar específico «atravessa», permite essa continuidade relacional entre o lugar e o projeto, entre o aprender com o lugar e o transformar. Aprendi com esta experiência que um lugar não se reduz a um único *genius*, basta pensar na sua característica mutável. O que também nos liberta do *genius loci*, enquanto «identidade» única que congela o lugar. Outra coisa que aprendi foi que o lugar não se limita a uma área, não se reduz a uma dimensão métrica, não tem limites físicos rígidos, os lugares são uma espécie de líquido que transborda.

IO Trata-se de um olhar desenvolvido por um observador-ator que está constantemente a alterar a relevância de certos fenómenos. Olha-se e simultaneamente renova-se o olhar com novas associações e sínteses. São procedimentos que ocorrem porque existe o objetivo de construir uma narrativa que contenha revisões produtoras de mudanças.

CFS A fotografia e a palavra são só o catalisador da inquirição, a partir do qual se começa esse processo, com o qual se vai à descoberta. No fundo, não vai olhar para o lugar por temas separados, mas sim de forma transversal, como um todo. É isso que o olhar específico permite, não é? Não vai deixar de trabalhar com as tipo-morfologias, com os usos, etc., mas os temas surgem de forma relacionada. Vai questionar, vai selecionar, hierarquizar, vai comprometer-se. Acho que isto é muito diferente da versão analítica que também separa o observador do objeto observado. É na relação que está a chave, não vos parece? Na nossa abordagem há um envolvimento, não somos observadores do lugar, mas participantes-transformadores desde o início. Daí o *being with-it* nomear tão bem a nossa atitude.

ML Começas com uma primeira escolha, uma primeira opção, que é geralmente intuitiva, para se transformar num argumento que precisa de ser contrastado

because of a desire to construct a narrative containing revisions that drive change.

CFS Photography and words are simply the catalysts of inquiry, the origin of a process that leads us to discovery. Basically, one doesn't look at the site from separate, theme-specific, perspectives, but rather transversally, as a whole. That is what this specific view affords, is it not? It doesn't mean you won't consider typology, morphology, land uses, etc., but the themes arise in connection with each other. You will question, select and arrange hierarchically, you will commit to an analytical position that also separates the observer from the observed object. The key lies in the relationship, wouldn't you agree? Our approach requires involvement, we are not mere observers of the site, but rather participant-transformers from the very beginning. This is why "being with-it" is such a perfect description of our attitude.

ML You start with an initial choice, a first option that is usually intuitive, and then evolves into a thesis that must be contrasted and informed. It reminds me of Manuel de Solà-Morales' *detective*: searching the site for clues with which to work... a survey that slowly builds up and opens new clues, previously unseen. You return to the site... you inquire and find answers... then you return to the site... and new questions arise.

DDP It's that pendular motion, the coming and going, to and from the site. Asking and answering questions. Keep failing, but failing better, as Samuel Beckett put it.

ML This pendular motion constructs a position with respect to the site, while simultaneously defining an act of design, born out of intuition.

RC This requires a commitment to drawing, representing and mapping to reveal the logical relationships present at the site, which are often opaque and may only be

e informado. Faz-me lembrar o «detetive» defendido pelo Manuel de Solà-Morales, que procurava no lugar indícios com os quais trabalhar... um levantamento de informação que vai acumulando e abrindo novas pistas que de outra maneira eram invisíveis; volta-se ao lugar... e vais inquirindo e vais respondendo... e precisas de voltar ao lugar... e aparecem novas perguntas...

DDP É o tal ato pendular do ir e voltar ao lugar. Do ir fazendo e respondendo a perguntas. Do ir falhando cada vez melhor, como diz Samuel Beckett.

ML Este ato pendular constrói um posicionamento perante o lugar ao mesmo tempo que define um ato de projeto que nasce da intuição.

RC O que exige um comprometimento com o desenho, a representação, o mapear que torna visíveis as lógicas de relações encontradas no lugar, por vezes invisíveis, e que só é possível desvendar nesse ir e vir constante.

VR Penso que aqui, esta é a minha visão, se trata de uma evolução, uma nova utilização de conceitos que são adquiridos precedentemente, porque há duas questões que permanecem, ou seja, mesmo que a interpretação seja pessoal, tem de ser comunicável, tem de ser razoável. E é verdade que a intuição é uma grande ferramenta. E questionar-se a si próprio das razões, do porquê da intuição é também fruto da evolução cultural que cada um traz. E é útil interrogarmo-nos na primeira pessoa sobre isto. Portanto, desvendar as razões da intuição que depois permitem usar a intuição de forma, não matemática, mas lógica. E a outra questão que vejo em continuidade com as metodologias anteriores é que a observação, para não descarrilar deste tipo, tem de estar sempre agarrada a elementos concretos, que são eventualmente os mesmos que anteriormente eram organizados por categorias fixas, e que nós, através desta experimentação, fundamentalmente aproveita-

perceived because of this constant coming and going.

VR The way I see it, it seems that we are witnessing an evolution, a new way of employing previously acquired concepts. Two issues remain, however. Although the interpretation is personal, it must be communicable and it has to be reasonable. Intuition is indeed a great tool, but questioning oneself as to what lies beneath our intuition is also a result of our personal cultural evolution. It's important that we question ourselves about this matter in the first person. Unveiling the reasons behind intuition would enable us to use our intuition, not mathematically, but logically. The other issue, which I feel is in line with previous methodologies, is that, if one is to maintain the chosen course, observation must always be supported by concrete elements. These may be the same that were previously organised under fixed categories, however, owing to the freedom that this experimentation affords, we can observe and explore them in order to discover the relationships between different element categories. I always emphasize this when I'm teaching my students, because otherwise it's easy to get off track when we delve into the realm of perception and vision – and if that happens, then there won't be any tools at all.

ML Sometimes that does happen, Vincenzo. A student is interested in developing an initial idea regarding the site but is unable to grasp any concrete elements... how can he explain/communicate then? This is where drawing as a process of discovery comes into play. How to represent a relationship that seemed so obvious on site? What must I *represent* in order to express some of the discoveries I made...? The very act of drawing poses new questions at the same time as it answers or anticipates others; the drawing itself is a proposal. Representation has been gradually showing greater functionality in establishing and communicating the process of approximation to the site and the project.

Representation: drawing as a process of discovery

**A representação:
o desenho como
processo de descoberta**

mos a liberdade de observar e de descobrir as relações entre diferentes categorias de elementos. Mas estes são absolutamente concretos. Eu insisto sempre nisto com os alunos, porque senão, quando entram no âmbito da percepção e da visão, perdem-se, e aí sim, é que não há ferramentas.

ML Isso que dizes, Vincenzo, acontece algumas vezes. O aluno que está interessado em desenvolver uma primeira ideia do lugar, mas que não consegue agarrar-se a nenhum elemento concreto... como se pode explicar/comunicar? E aqui entra o desenho como processo de descoberta. Como representar essa relação que parece tão óbvia no lugar, o que devo representar para expressar algumas das descobertas feitas...? O próprio ato de desenhar suscita novas questões ao mesmo tempo que responde ou antecipa; pelo que o próprio desenho é uma proposta. A representação tem revelado gradualmente uma maior operatividade para fixar e comunicar o processo de aproximação ao lugar e ao projeto.

DDP O ato de querer representar, logo desde o início, a partir de uma ideia intuitiva, leva a que se comece a estabelecer um diálogo entre a nossa mente e o desenho. No fundo é entre as nossas ideias e uma tentativa de representação dessas ideias. Estou a tornar visível e a dialogar. E as idas ao lugar são também isto: diálogos. E, portanto, a representação não é um produto final, mas sim um processo aberto de algo que surge no início, que se vai transformando e que nos vai ajudando a estruturar o trabalho.

VR E que é produtivo, porque tu sabes que o final é bem diferente da ideia inicial.

CFS Mas de facto isto que dizes é uma dificuldade para os alunos, pelo menos a Laboratório de Urbanística. Eles estão sempre à espera que lhes digamos como é que devem representar. Mas dizer à partida é contra-

DDP The intention to represent from the start, based on an intuitive idea, initiates a dialogue between our mind and the drawing. It's basically a dialogue between our ideas and the effort to represent them. I'm simultaneously revealing and discussing. The visits to the site are also dialogues. Therefore, the representation is not the final product, but rather an open process that changes gradually and helps structure our work as we go along.

VR And it is quite productive, because you know that in the end it will be very different from the initial idea.

CFS But it's actually difficult for students, at least in the context of the Urban Design Lab. They're always expecting us to tell them how to represent. But telling them at the outset would be inconsistent with the method, where the inquisitive "explorer" must use drawing as a tool for discovery. We encourage students to experiment with representations outside the canonical, codified models. There is no other way to do it if you are trying to represent complex subjects such as relationships, processes, dynamics or time.

IO Indeed, the options underlying the criteria for representation of a site are not neutral. The representation should express the stance and the multiple interests of those taking it. Each representation exercise results in clearer thematic units, similarities, dissonances and contradictions. I would go so far as to say that each representation constitutes an alternative vision to the excessive triviality of many representations of the city and the territory.

RC After concluding this process the students themselves are suddenly surprised by its results, because they were unaware of their own abilities, which begin to unfold when they are freed from preconceived codes and are allowed to build their own representational and narrative codes. This too is a process of discovery, something they were not expecting when they started.

ditório com o método do «explorador» que está a procurar e usa o desenho como ferramenta de descoberta. Estimulamos os alunos a experimentar representações para além dos modelos canónicos, codificados. Não é possível ser de outra forma, quando queres representar temas mais complexos como relações, processos, dinâmicas, o tempo, etc.

IO De facto, as opções que subjazem aos critérios de representação de um lugar não são neutras. Através da representação deve ser possível ir descortinando o posicionamento e os múltiplos interesses de quem as elabora. De cada exercício de representação saem fortalecidas unidades temáticas, semelhanças, dissonâncias e oposições, e não é excessivo dizer que cada representação acaba por ser uma visão alternativa à excessiva banalização de muitas representações da cidade e do território.

RC Os próprios alunos, no final de todo este processo, chegam ao fim e de repente ficam surpreendidos com os resultados, porque desconheciam as suas próprias capacidades, que se começam a revelar quando se libertam de códigos preconcebidos e constroem os seus próprios códigos de representação e narrativa. Também este é um processo de descoberta que para eles não é expectável à partida.

ML Não é por acaso que há tantas teses sobre representação. Acho que a representação do lugar exerce certo fascínio. Descubrem a capacidade eidética deste processo, descobrem não só a ferramenta como também a possibilidade de narrar um processo de aprendizagem que nasce do lugar e que atravessa a observação, a associação e a expressão.

CFS É verdade. Mas gostava de destacar aqui o trabalho dessas teses de representação, muitas delas explorando temas transdisciplinares bastante complexos, da área da geologia, hidrologia, economia, sociologia, etc.,

ML It's not mere chance that so many theses about representation have been produced. I feel that site representation carries a certain allure. They discover the eidetic potential of this process; they discover not only the tool, but also the possibility to illustrate a learning process that is born from the site and involves observation, association and expression.

CFS That's true. But I would like to stress the challenges involved in the theses that address representation. Many of them explore highly complex transdisciplinary themes, encompassing fields such as geology, hydrology, economics or sociology, among others, and the students carry out their research "without a safety net", tackling themes that are unfamiliar to them. They leave their comfort zone and, setting out from a key idea brought about by the site, follow a research path based on the identification and correlation of elements that are in fact connected at the site but have been presented as separate due to the disciplinary structure of academic knowledge. These representations reveal the sites in all their transdisciplinary complexity – once again, *across* – trying to explore as deeply as possible and considering the site as an indivisible whole.

RC You are quite right, you can find theses where all the complex information coming from various disciplinary areas is suddenly condensed in a single drawing, creating and revealing a transversal knowledge, fundamental to the understanding and transformation of the site.

DDP Could this be the reason why interpretation and representation are widely considered to be project-related tasks? It may very well be that what already exists is fine and there is no need to intervene. The act of making things visible is an intention by itself. Something doesn't need to be a proposal in order to become a project. As has already been said, a project begins as soon as a problem is identified.

The project that prepares

O projeto que prepara

e «sem rede», quer dizer, com o esforço dos alunos, em entrarem em temas que lhes são alheios. Saem da sua zona de conforto, e a partir de uma ideia-chave encontrada no lugar fazem um movimento de investigação que cruza e relaciona o que está de facto relacionado no lugar, mas que se apresenta seccionado por um conhecimento académico cuja estrutura é disciplinar. Representações que tornam visíveis os lugares na sua complexidade transdisciplinar, mais uma vez «através», tentando ir em profundidade e olhando para o lugar como um todo, que não pode ser separado.

RC Tens toda a razão, encontramos teses em que de repente num só desenho está condensada toda uma informação complexa vinda de várias áreas disciplinares, que cria e torna visível um conhecimento transversal fundamental à compreensão e transformação do lugar.

DDP Não será este o motivo pelo qual se tornou consensual que consideramos a interpretação e a representação já como um ato projetual? Porque pode acontecer a certo momento que o que existe está bem e não é necessário intervir. O ato de tornar visível é por si só uma intenção. Não é necessário ser proposta para se tornar projeto. O projeto começa logo no momento em que identificamos uma problemática, como se disse.

IO No exercício de representação no qual o aluno veste a pele do investigador, o resultado tem obrigatoriamente de estabelecer uma fértil interação entre perceção, registo, imaginação e conceptualização. A investigação desenvolvida por Bernardo Secchi e Paola Viganò torna claro que não é óbvia a quantidade de descrição existente no projeto e a quantidade de projeto que se encontra no ato de descrever ou na seleção do que se descreve.

CSF Isto leva-me a fazer uma pergunta. Então o que é o projeto quando o projeto deixa de ser a materialização de uma forma ou de um objeto arquitetónico?

IO The result of a representation effort where the student assumes the role of a researcher must necessarily strike a fertile balance between perception, register, imagination and conceptualization. The research carried out by Bernardo Secchi and Paola Viganò clearly demonstrates that there is nothing obvious about the amount of description in the project or the proportion of project contained in the act of describing or selecting what is described.

CSF This leads me to ask a question. What is the project when the project ceases to be the formalization of a form or architectural object?

RC In my experience, the Landscape Studio is a transformation project that deals with diverse processes, rhythms and cycles of both natural and artificial elements, as well as their management and proposed use. The challenge we are faced with is how to represent these projects, since they are generated from procedural, temporal logic and therefore involve anticipating possible scenarios. In fact, there is an inherent difficulty in making this type of project visible, since it is beyond the scope of the traditional canons of an architectural project.

ML This stance towards the project requires considerable transdisciplinarity.

RC That is true. That is the reason why, when we revised the study plan in order to comply with the Bologna reform, we created the curricular unit *Seminário*, taught by teachers from other disciplinary areas in our university, such as geography and planning. Whenever possible, we also invite guest lecturers such as environmental engineers, geologists and archaeologists, among others and conduct classes *in situ*, involving people who work directly on the sites.

RC Na minha experiência, o Atelier de Paisagem é um projeto de transformação que lida com processos, ritmos e ciclos variados, quer dos elementos naturais, quer dos artificiais quer da sua gestão e utilização articulada. E o desafio com que somos confrontados é: como representar estes projetos que são gerados a partir de lógicas processuais, temporais, e que implicam a antecipação dos possíveis cenários? E de facto deparamo-nos com uma inerente dificuldade em tornar este tipo de projeto visível, o que tem sido também um desafio, uma vez que disciplinarmente sai dos cânones tradicionais do projeto de arquitetura.

ML Esta atitude projetual exige uma transdisciplinaridade muito forte.

RC É verdade, é por isso mesmo que quando reformulámos o plano de estudos para o adaptar a Bolonha criámos a unidade curricular de Seminário, para ser lecionada por professores de outras áreas disciplinares existentes na nossa universidade, como, por exemplo, geografia e planeamento, mas também recorreremos sempre que possível a convidados, como engenheiros ambientais, geólogos, arqueólogos, etc., e fazemos aulas *in situ* com interlocutores que trabalham diretamente nos lugares.

DDP Isso acontece porque nos colocamos sempre numa perspetiva crítica relativamente ao projeto, desde a encomenda até à execução. Para evitarmos entrar nesta ideia romântica e otimista dos arquitetos de que o projeto vai salvar o mundo. Como a famosa resposta dos Lacaton & Vassal à encomenda de uma praça em Bordéus. Não partir do princípio de que os lugares estão tão cheios de problemas que precisam de levar com um projeto em cima. Um projeto pode passar por ser uma espécie de consultoria, em que o que se propõe é a manutenção do lugar de intervenção. Isto é só um exemplo muito simples de que o projeto nem sempre é

DDP We always adopt a critical perspective in relation to the project, from the commission to the execution, and thus avoid getting into this romantic and optimistic idea architects have that the project will save the world, like Lacaton & Vassal's famous response to the commission for a square in Bordeaux. One should not assume that sites are full of problems that must be addressed by a project. A project can be a kind of consultancy that proposes the maintenance of the site. This simple example demonstrates that a project is not always about building, it can also be a strategy for maintenance through time.

RC Precisely. The problems related to the territory are often related to identifying which site processes must be reactivated and how to go about it. Why are these strategically important when others are not? In other words, in a territory full of complex issues we must select and understand what to tackle first. Therefore, the first step in our strategy should perhaps be this identification.

CFS If, for instance, we are faced with abandonment, be it of farmland, woodland or building plots, the issue cannot be addressed by merely “filling” it with a programme. It's more complex than that; it requires the creation of reactivation processes so as to enable its regeneration, if that is the best option. Sometimes, it's not. Not everything that has been abandoned needs to be reoccupied by humans. Abandoned spaces are crucial to the planet's biodiversity and the survival of all species, namely human beings, as Gilles Clement's argues in his theoretical and practical research work.

DDP This also entails a critical stance regarding the commissions in our disciplinary area. Otherwise, we risk being accomplices in a dubious decision that doesn't really solve anything and only creates new problems. It is also a matter of questioning the different ways in which the project might be executed (e.g. in different stages). Realising that the project is not a static object

construção, mas pode ser uma estratégia de manutenção ao longo do tempo.

RC Exatamente. As questões que se colocam no território são muitas vezes: Quais os processos do lugar que precisam de ser reativados e como? E porque é que estes são estratégicos e outros não? Ou seja, num território cheio de complexidades é preciso selecionar, e entender o que é prioritário em termos de atuação, e daí que se calhar o primeiro passo da estratégia é exatamente essa identificação.

CFS Por exemplo, se estamos perante o abandono, seja de parcelas agrícolas, florestais ou edifícios, a questão não pode ser reduzida a «encher» com um programa; é mais complexo do que isso, trata-se de criar processos de reativação que tornem possível, se pertinente, a sua regeneração. Pode não ser. Nem tudo o que está abandonado tem de ser ocupado pelo ser humano, os espaços abandonados são lugares fundamentais para a biodiversidade do planeta, para a subsistência de todas as espécies, inclusive as humanas, como Gilles Clement tem investigado e instigado no seu trabalho teórico e prático.

DDP Isto implica também um posicionamento crítico relativamente às encomendas que a nossa área disciplinar tem. Caso contrário podemos estar a ser cúmplices de uma questão equívoca que no fundo não resolve nada e só vai criar mais problemas. Trata-se também de questionar os moldes em que o projeto pode decorrer, por exemplo, por etapas. Perceber que o projeto não é um objeto estático que se constrói de uma vez só, mas é um mecanismo em aberto, que se pode transformar ao longo do tempo.

ML Isso é uma outra ideia que vem da tradição paisagística: não é possível resolver tudo, há que prepará-lo. Aquilo que ensinam na primeira aula de paisagem é que

built all at once, but rather an open mechanism that can be transformed over time.

ML This is yet another idea that borrows from the landscape design tradition: you cannot solve everything, “it” must be prepared. In your first landscape design class, you are taught that “it” grows. I’m talking about those basic lessons about the seed, the preparation... they teach you that you cannot control everything. But it is also about the uncertainty of planning as taught by Nuno Portas: in the end, events may unfold in many different ways, and we must be able to adapt. At first, it was difficult to explain/communicate this lack of definition to students. They wanted to present everything at once, to resolve and consolidate.

RC Despite the progress made, it remains difficult for students to embrace this approach to the project.

IO In fact, what students initially aspire to achieve in their projects is not too far from what developers or politicians imagine or desire – full control over future transformations, quantification and the establishment of functions and spatial environments. A model that thrives on expansionist moments and trends, but fades as soon as financing from traditional sources becomes unavailable. Faced with this model’s inadequacy, students have no options but to try new or less common approaches, which means they must be able to do more and better with the tools that they have at hand and be willing to resort to tools traditionally more related to other disciplinary fields.

VR I have a concern that I would like to share in this conversation and that I feel is germane to the matters we are discussing. I have my own interpretation, but I wanted to hear your opinions about it. With regard to this change in the notion of project, which is no longer just a formal expression and instead inclines toward the organisation

The architect as a mediator

O arquiteto mediador

«aquilo» cresce. São aquelas lições básicas da semente, do preparar... mostram que não podes controlar tudo. Mas também é da incerteza do planeamento, como ensina Nuno Portas: no final, as coisas podem acontecer de muitas formas, e temos de estar preparados para a sua adaptação. No início custava muito explicar/comunicar esta indefinição aos alunos. Queriam apresentar tudo de uma vez só, resolver e fixar.

RC Apesar do caminho percorrido até aqui, para os alunos continua a ser difícil entrar nesta aproximação ao projeto.

IO Na realidade, aquilo que os alunos começam por ambicionar para os seus projetos não está muito longe daquilo que as entidades promotoras ou os políticos imaginam ou desejam. O controlo total das transformações futuras, a quantificação e a fixação de funções e de ambientes espaciais. Um modelo que vive nos movimentos e momentos expansionistas, mas que fracassa assim que faltam os canais habituais de financiamento. Confrontados com a inaplicabilidade do modelo, apenas resta aos alunos tentar produzir um novo ou menos comum, e para tal têm de conseguir produzir mais e melhor com as ferramentas de que dispõem, e não hesitar em recorrer a ferramentas que têm estado mais vinculadas a outros campos disciplinares.

VR Tenho uma inquietação que queria introduzir nesta conversa e que me parece aberta à problemática que está a ser discutida. Eu tenho a minha interpretação, mas queria ouvir a vossa opinião. Acerca desta transformação da própria ideia de projeto, que deixa de ser apenas uma concretização formal e se orienta neste sentido de organização de dinâmicas processuais, parte da qualidade do trabalho feito aqui, nesta Escola, deriva de uma base em que lidar com as formas continua a ser relevante e na qual as ferramentas do projeto de arquitetura são precisamente aquelas que permitiram

of process dynamics: the quality of the work carried out in this School is partly due to a background where form is still relevant, and the tools of the architectural project are precisely what permitted this evolution. On the other hand, the knowledge and mastery of the project enable us to communicate with specialists that provide us with the required information without becoming totally reliant on outside inputs, including those coming from other disciplinary areas. Now, I feel this is the most important issue being discussed in our professional area at the moment. When we talk to an agronomist or a hydraulics specialist, or any other specialist, our ability to maintain our stance as architects – as the ones who will evaluate the inputs from a critical standpoint and refuse to accept certain facts as unquestionable – requires resolve, a certain disciplinary autonomy of the project as a discipline in its own right.

ML It happened to me. While working on an idea, wanting to discuss it with someone local to the site; a labourer or a farmer... someone who intimately knew the site and had a different perspective. That kind dialogue raises new questions that may or may not change the initial idea, but they challenge it nevertheless.

VR You go talk to the farmer, but you already know what you are looking for. If you were not open to his contribution you would not do it, it would be pointless. So, all things considered, what is the core that enables us to establish these dialogues? Surely, it must still be something related to the spatial organisation.

ML I believe it's about the ability to create relationships, not just about space.

VR Yes, that's right. And it is related to our quintessential specificity as architects. I believe the most critical question to be asked is: what are these conceptual and intellectual mechanisms that we possess? It's still impor-

essa evolução. Assim como, por outro lado, é também com essa experiência e domínio do projeto que depois conseguimos dialogar com os especialistas aos quais vamos buscar informação, mas sem o risco de nos rendermos ao que nos vem dito de fora e das outras áreas disciplinares. E este é o ponto que me parece importante para refletir e que está em discussão na nossa área profissional neste momento. Quando vamos falar com um agrônomo ou com um especialista de hidráulica, ou com qualquer outro especialista, o facto de não abdicarmos da nossa posição de arquitetos, de quem vai avaliar os *inputs* que foram dados de um ponto de vista crítico, de não aceitar que é assim e assim será, depende de uma solidez, de uma autonomia disciplinar que é aquela de uma disciplina do projeto em si.

ML Já me aconteceu, ao trabalhar numa ideia, ter necessidade de a confrontar com alguém do lugar, com um agricultor, ou um lavrador... alguém que conhece o lugar de outra perspetiva. Nesse diálogo aparecem novas questões que podem vir a mudar ou não a ideia inicial, mas sempre a questionaram.

VR Portanto, tu vais falar com o lavrador, mas tu sabes o que queres. Se não estivesse aberta a receber contributos, não irias lá. Seria inútil. Portanto, qual é o núcleo, no final, que nos permite estabelecer estes diálogos? É com certeza algo que me parece ainda estar ligado à organização do espaço.

ML Acho que é a capacidade de criar relações, não se trata só de espaço.

VR É isso. E, portanto, vai na direção da destilação daquela que é a nossa especificidade enquanto arquitetos. A reflexão que é interessante fazer aqui é: Quais são estes conceitos, mecanismos de operatividade intelectual que nós temos? Continua a ser importante refletir sobre isto, porque é algo que nós, novamente, trabalhamos

tant to think about this. This is something that we use a little intuitively but we should keep trying to make explicit.

ML It seems to me that this is closely related to a different issue regarding the relevance of specialties. Our training leads us to try to fit everything we have just spoken about into our professional experience; to perform an exercise in openness, correlation and transversality that sharply contrasts with the pressure for specialization.

VR Specialization cannot be perceived as a static experience. I agree. However, right now, I believe it is necessary to try to argue this. Argue this position.

ML The way I see it, it is based on a mediation process.

IO It's mediation, but it's still an action in space.

CFS Didn't we go from the object to space, to time?

ML Time is an integral part of this mediation. It's still a mediation between the past and the future, but always from a position of interference. I think all of them present ethical issues. I strongly believe that our role is to work for the collective, and I take this very much to heart and try to instil this in my students. Call me ideological, but I feel this is also part of an architect's role to perform mediation with the collective. When we talk about territory, we also talk about space, we talk about use, we talk about curb outlines, and so on. I believe we make this effort when we work on these scales and themes transversally.

DDP I feel that an architect's ability to imagine and create images and scenarios for the sites is quite relevant to this mediation process. To hypothesise on the whole, combining various disciplines and ambitions. To synthesize and tackle any constraints. We can mediate, and that mediation will give rise to a representation of transformational intent that can be communicated to others.

um pouco intuitivamente, mas seria bom continuar a tentar explicitá-lo.

ML Parece-me que isto encaixa muito bem noutra questão associada à pertinência ou não das especialidades. A nossa formação leva-nos a tentar encaixar tudo isto de que temos falado na nossa experiência profissional; a tentar fazer um exercício de abertura, de relação e de transversalidade que depois contrasta com a pressão para a especialização.

VR Não se pode perceber a especialidade como uma experiência consolidada. Pronto, mas agora é necessário, na minha opinião, para vincar esta posição, tentar argumentar isto. Argumentar esta posição.

ML No meu entender, baseia-se num processo de mediação.

IO É mediação, mas é sempre uma ação no espaço.

CFS Não passámos do objeto ao espaço, ao tempo?

ML O tempo inclui-se nesta mediação. Também é mediar entre o passado e o futuro, mas sempre numa posição de interferência. Acho que é uma questão ética. Há uma coisa que eu penso e levo muito a sério, e que tento incutir nos alunos, que é que estamos aqui a trabalhar para o coletivo. Chamem-me ideológica, mas para mim o arquiteto também é isso, uma mediação com o coletivo. Quando falamos de território também falamos de espaço, falamos dos usos, falamos da guia da estrada, e por aí fora. Acho que fazemos este esforço em trabalhar esta transversalidade de escalas e temas.

DDP Parece-me importante neste processo de mediação a capacidade do arquiteto para imaginar, criar imagens e cenários para os lugares. De especular como um todo, cruzando as várias disciplinas e ambições.

ML Very well, we have mediation and will. But, in my view, this ability is a key element of economic policy. And I think we should take credit, not because we know how to do everything, but because this ability you mentioned is something we must cherish. And indeed, working at territory level provides excellent laboratories for this kind of theorization. I really appreciated the invitation that the municipality of Fafe extended to the School of Architecture to include Fafe in the case studies for the territory curricular units, because when students are presented with something that's very real, they feel a certain responsibility that goes beyond tackling a problem created by the teacher. I think that's very interesting, because this way students act more responsibly. And I can see that my students are more and more committed to having a direct contact with the problems, talking to City Council technicians and the locals... The social side is becoming increasingly relevant. For many years we have worked harder on environmental issues, but this has become something obvious to them. Now, social issues are emerging – social sensitivity, economy, fertility rates – and they are starting to become aware of this. Even if it's not a central theme, you can see this capability. They talk directly to people.

CFS But the question remains: *how*? We have attempted to discover the “how”, imagining the scenarios of how to get there. In general, conventional policies take a look at the site, identify a problem and go like, “Desertification? Ok, we need to build more”. I mean, they set off from an ambiguous point to reach an even more equivocal solution. And there is nothing in the middle. And we are constantly striving to act in this “middle”. We first try to identify the real issue, and then put in place the mechanisms that will eventually solve it. There are no recipes. That is why I insist: this issue remains open.

RC You're right. I still think, that according to the dynamics that are currently in play, minimal intervention

De sintetizar e resolver as várias condicionantes. Nós conseguimos mediar, e dessa mediação surge uma representação de intenção de transformação que é comunicável a outros.

ML Há uma mediação e uma vontade, muito bem. Mas esta capacidade, até de quantificar, é para mim uma peça-chave da política económica. E acho que a devíamos reivindicar, não porque sabemos fazer tudo, mas porque realmente esta capacidade que estavas a referir é uma coisa que não podemos deixar de estimar. E, efetivamente, estes trabalhos de território são uns laboratórios muito bons para fazer este tipo de especulações. Eu gostei muito do convite que o Município de Fafe fez à Escola de Arquitetura para integrar Fafe nos casos de estudo das unidades curriculares de território, porque aos alunos, quando lhes apresentas uma coisa muito real, há qualquer coisa de responsabilidade, que não parte de um problema que a professora criou. Acho muito interessante, porque os alunos agem de uma maneira mais responsável. E cada vez mais vejo os meus alunos muito empenhados em terem um contacto mais direto com os problemas, em irem falar com os técnicos das Câmaras Municipais, com os habitantes... A parte social tem vindo a surgir cada vez mais. Durante muitos anos trabalhámos mais sobre as questões ambientais, mas isto tem-se tornado uma coisa óbvia para eles. Agora estão a emergir com força as questões sociais. A sensibilidade social, a questão económica, a questão da fertilidade. E eles nisto estão a começar a ter consciência. Sem ser um tema central, mas vê-se esta capacidade. Falam diretamente com as pessoas.

CFS Mas a questão continua em aberto: Como? Trabalhamos nessa tentativa de descobrir esse «como». Imaginar estes cenários de como chegar lá. E, normalmente, as políticas convencionais olham para um sítio, identificam um problema; OK... desertificação? Precisamos de construir mais isto. Quer dizer, passa-se

is the best way forward, with an understanding that this is the first impulse in the process of transformation, and assuming that we are not looking at finished projects, but rather mediating actions between the sites and what is possible to achieve. We propose opportunity-driven interventions.

ML I agree. I am not saying an architect must always act this way but, at this point, this is my view. If we cannot create products, then we mediate. I believe we are on the right path.

de um olhar equívoco para uma solução ainda mais equívoca. E pelo meio não há nada. E nós estamos constantemente no esforço de tentar agir neste «meio». Tentando em primeiro lugar identificar a real questão e depois preparar mecanismos para que ela se vá resolvendo. Não há receitas. Por isso repito: esta questão continua em aberto.

RC Tens razão. Continuo a achar que o modo de atuar hoje em dia, e segundo as dinâmicas atuais, é a partir da mínima intervenção, entendendo que esta é o primeiro impulso de um processo de transformação, e assumindo que não estamos perante projetos acabados, mas sim de ações de mediação entre os lugares e o possível. Propomos intervenções de oportunidades.

ML Acho que sim. Eu não digo que o arquiteto tenha de ser sempre assim. Estou a dizer que neste momento o defino como isso. Se não podemos fazer produtos, então mediamos. E não me parece que vamos por um mau caminho.



**ON BEING WITH-OTHERS:
CONJUNTO DE AUTORES QUE
NOS ACOMPANHAM**

Na presente secção estão reunidos os livros que nos foram acompanhando ao longo deste caminho. A sua seleção foi realizada com base nas bibliografias das diversas unidades curriculares da área de Cidade e Território. Neles encontramos matéria preciosa. As ideias são matéria. Por vezes, é uma experiência de confirmação; subitamente encontramos uma ideia que já tínhamos apreendido no âmbito da experiência vivida nos lugares, do trabalho com os alunos... e vemos essa ideia atestada por outro autor. Sentimo-nos próximos, independentemente da sua distância temporal ou geográfica. Este autor torna-se um amigo com o qual podemos partilhar ideias, que nos acompanha e ao qual recorreremos sempre que nos sentirmos sós. Outras vezes, é o movimento inverso. Lemos, questionamos, dialogamos e aprendemos algo que depois nos permite compreender a realidade de outra forma. Neste ir e vir, vamo-nos contagiando e transformando. E assim, também, transformando a forma como ensinamos aprendendo.

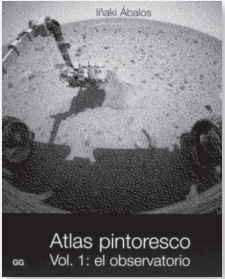
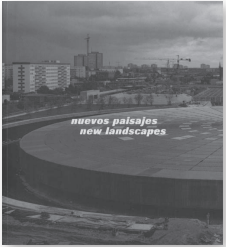
**ON BEING WITH-OTHERS:
THE AUTHORS WE KEEP
CLOSE TO US**

This section contains the books we held on to in the course of this journey. They were selected from the bibliography used in the curricular units in the field of City and Territory. They provided us with precious working materials. Ideas are working materials. Sometimes, it's a matter of validation; we suddenly come across ideas we have already inferred from our work on the sites or with students, and then we see this idea confirmed by another author. We feel close, regardless of temporal or geographical distance. That author becomes a friend with whom we can share ideas, someone who accompanies us and who we will seek whenever we feel lonely. Other times, the opposite happens. We read, challenge, discuss and learn something that will later enable us to understand reality in a different way. This process of coming and going influences and transforms us – and therefore also transforms the way we teach by learning.

AAVV. **La arquitectura del espacio público: formas del pasado, formas del presente**, Sevilla: Junta de Andalucía, 1999.

AAVV. **Nuevos paisajes. Nuevos territorios. New Landscapes. New Territories**, Barcelona: Museu d'Art Contemporani de Barcelona, Actar, 1997.

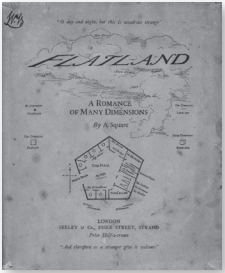
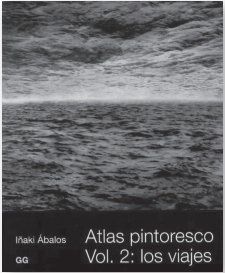
ÁBALOS, Iñaki. **Atlas pintoresco. Vol. 1: El observatorio**, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005.



ÁBALOS, Iñaki. **Atlas pintoresco. Vol. 2: Los viajes**, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2008.

ÁBALOS, Iñaki. **Naturaleza y artificio: el ideal pintoresco en la arquitectura y el paisajismo contemporáneos**, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009.

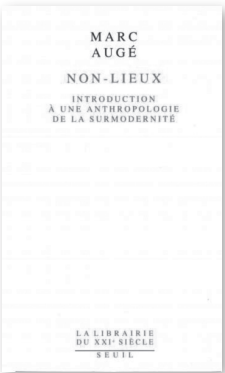
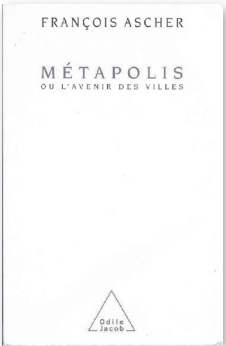
ABBOTT, Edwin. **Flatland: A Romance of Many Dimensions**, London: Seeley & Co., 1992 (1.^a ed. 1884).



ANGLÈS, Magda. **In Favour of Public Space. Ten Years of the European Prize for Urban Public Space**, Barcelona: Actar, Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 2010.

ASCHER, François. **Métapolis ou l'avenir des villes**, Paris: Odile Jacob, 1995.

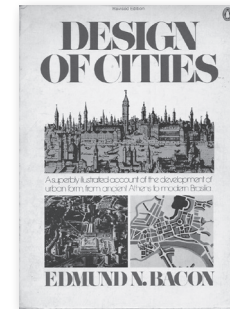
AUGÉ, Marc. **Non-lieux. Introduction à une anthropologie de la surmodernité**, Paris: Éditions du Seuil, 1992.



AYOMONINO, Aldo; MOSCO, Valerio P. **Contemporary Public Space: Un-volumetric Architecture**, London: Skira, 2006.

BACON, Edmund N. **Design of Cities**, London, New York: Thames and Hudson, 1967.

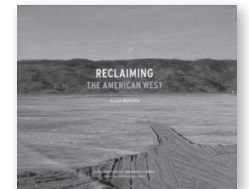
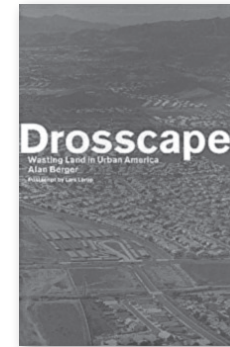
BEIGEL, Florian; CHRISTOU, Philip. **Architecture as City**, London: Architecture Research Unit, London Metropolitan University, 2010.



BEIGEL, Florian; CHRISTOU, Philip. **Time Architecture**, London: Architecture Research Unit, London Metropolitan University, 2003.

BERGER, Alan. **Drosscape: Wasting Land in Urban America**, New Jersey: Princeton Architectural Press, 2007.

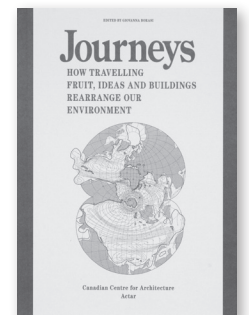
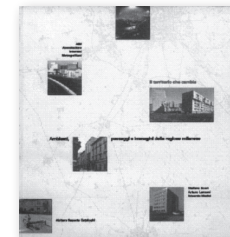
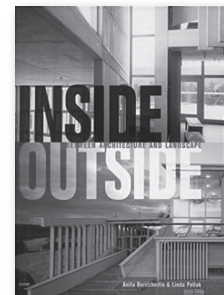
BERGER, Alan. **Reclaiming the American West**, New York: Princeton Architectural Press, 2002.



BERRIZBEITA, Anita; POLLACK, Linda. **Inside Outside, Between Architecture and Landscape**, Massachusetts: Rockport Publishers, 1999.

BOERI, Stefano; LANZANI, Arturo; MARINI, Edoardo. **Il territorio che cambia. Ambienti, paesaggi e immagini della regione milanese**, Milano: Abitare Segesta, 1983.

BORASI, Giovanna. **Journeys: How travelling fruit, ideas and buildings rearrange our environment**, Montreal: Canadian Centre for Architecture, Actar, 2000.



BORJA, Jordi. **El espacio público: ciudad y ciudadanía**, Barcelona: Electa, 2003.

BOSH, Pablo Ley. **Cambio de sentido. Vialidad territorial y espacio colectivo en la ciudad dispersa**, Las Palmas de Gran Canaria: Fundación Canaria Mapfre Guanarteme, 2012.

BRANDÃO, Pedro. **O chão da cidade: guia de avaliação do design de espaço público**, Lisboa: Centro Português de Design, 2002.

CALVINO, Italo. **Six Memos for the Next Millennium**, London: Jonathan Cape, 1993.

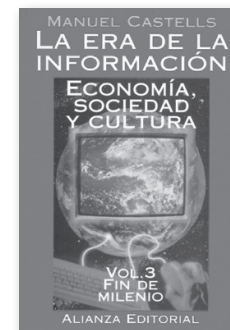
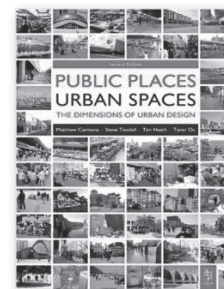
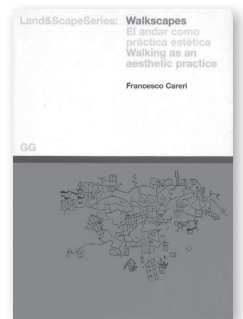
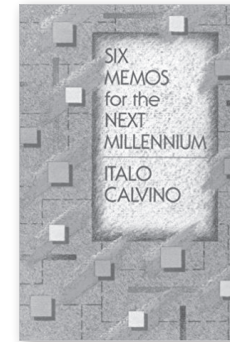
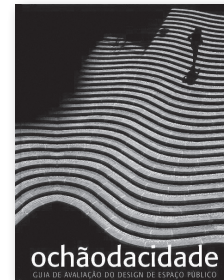
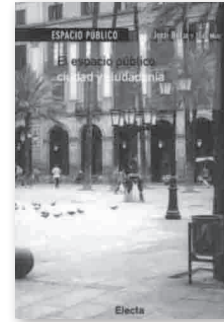
CARMONA, Matthew; HEATH, Tim; TIESDELL, Steve. **Public Places Urban Spaces**, London: Routledge, 2010.

CASTELLS, Manuel. **La era de la información: economía, sociedad y cultura**, vol. 3, Madrid: Alianza editorial, 1996.

BRANDÃO, Pedro; REMESAR, Antoni. **Design de espaço público: deslocação e proximidade**, Lisboa: Centro Português de Design, 2005.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: El andar como práctica estética. Walking as an aesthetic practice**, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.

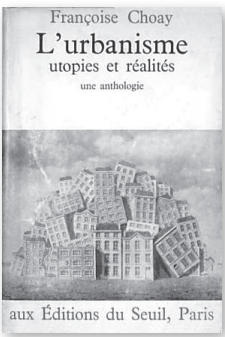
CERASI, Maurice. **El espacio colectivo de la ciudad: construcción y disolución del sistema público en la arquitectura de la ciudad moderna**, Barcelona: Oikos-Tau, 1990.



CERDÀ, Ildefonso. **Teoría general de la urbanización**, Barcelona: Instituto de Estudios Fiscales, 1971 (1.ª ed. 1867).

CERTEAU, Michel de. **L'invention du quotidien. Tome 1: Arts de faire**, Paris: Union générale d'éditions, 1980.

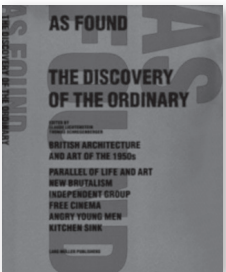
CHOAY, Françoise. **L'urbanisme, utopies et réalités. Une anthologie**, Paris: Éditions du Seuil, 1965.



CHOAY, Françoise. **La règle et le modèle: sur la théorie de l'architecture et de l'urbanisme**, Paris: Éditions du Seuil, 1980.

CLAUDE, Lichtenstein; SCHREGENBERGER, Thomas. **As Found. The Discovery of the Ordinary British Architecture and Art of the 1950s: Independent Group and New Brutalism**, Baden: Lars Muller Publishers, 2001.

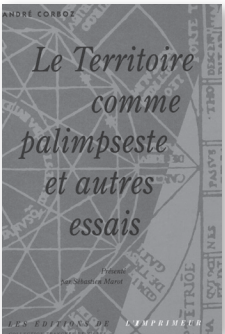
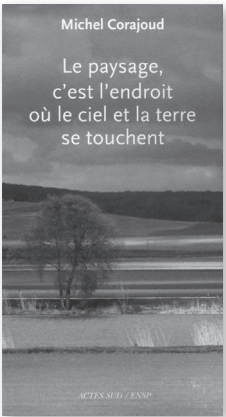
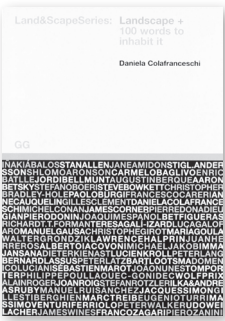
CLÉMENT, Gilles. **Manifeste du Tiers paysage**, Montreuil, Seine-Saint-Denis: Sujet/Objet, 2003.



COLAFRANCESCHI, Daniela. **Landscape + 100 Words to Inhabit it**, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2007.

CORAJOUD, Michel. **Le Paysage, c'est l'endroit où le ciel et la terre se touchent**, Arles, Paris: Actes Sud/ENSP, 2010.

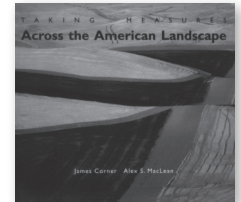
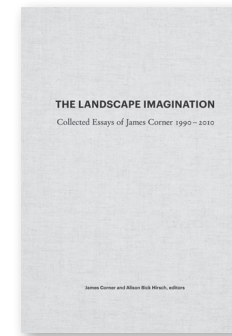
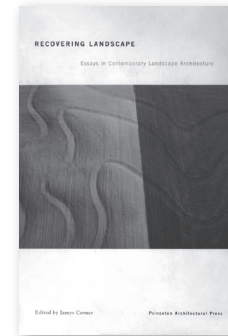
CORBOZ, André. **Le Territoire comme palimpseste et autres essais**. Besançon, Paris: Les Éditions de l'imprimeur, 2001.



CORNER, James (ed.). **Recovering Landscape**, New York: Princeton Architectural Press, 1999.

CORNER, James; HIRSH, Alison B. (ed.). **The Landscape Imagination. Collected Essays of James Corner 1990-2010**, New York: Princeton Architectural Press, 2014.

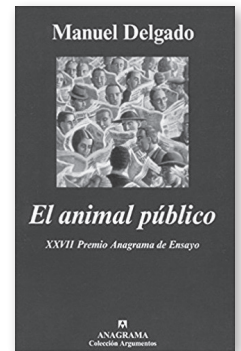
CORNER, James; MACLEAN, Alex. **Taking Measures Across the American Landscape**, New Haven, London: Yale University Press, 1996.



CRISTINA, Benedetto Di; SICA, Grazia Gobbi. **Architettura e rinnovo urbano**, Firenze: Alinea Editrice, 1999.

DELBAERE, Denis. **La Fabrique de l'espace public. Ville, paysage et démocratie**, Paris: Ellipses, 2010.

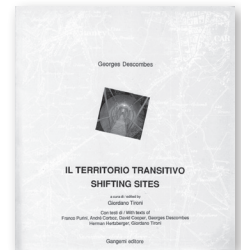
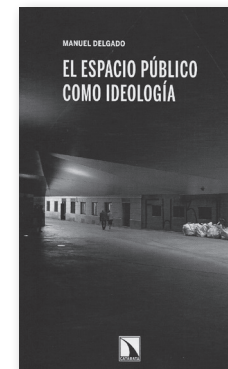
DELGADO, Manuel. **El animal público. Hacia una antropología de los espacios urbanos**, Barcelona: Anagrama, 1999.



DELGADO, Manuel. **El espacio público como ideología**, Madrid: Editorial La Catarata, 2011.

DELGADO, Manuel. **Memoria y lugar: el espacio público como crisis de significado**, Valencia: Ediciones Generales de Construcción, 2001.

DESCOMBES, Georges. **II territorio transitorio. Shifting Sites**, Roma: Gangemi editore, 1988.



DESVIGNE, Michel; DALNOKY, Christine. **The Return of Landscape**, New York: Whitney Library of Design, 1997.

ECKBO, Garrett. **Landscape for Living**, New York: F.W. Dodge, 1950.

FONT, Antonio; INDOVINA, Francesco; PORTAS, Nuno. **L'explosión de la ciudad / The Explosion of the City**, Barcelona: Col·legi d'Arquitectes de Catalunya, 2004.

GALÍ-IZARD, Teresa. **Los mismos paisajes. Ideas e interpretaciones**, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005.

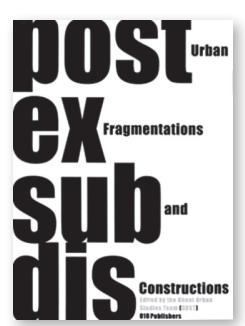
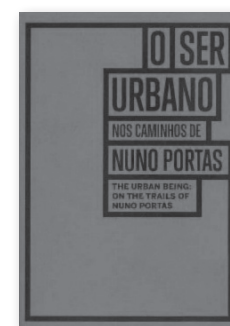
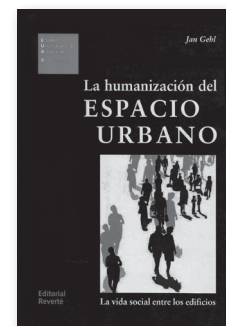
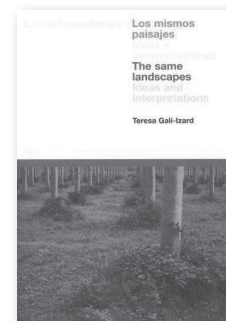
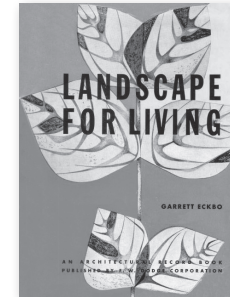
GAROFALO, Luca. **Artscapes. El arte como aproximación al paisaje contemporáneo**, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.

GEHL, Jan; GEMZØE, Lars. **Nuevos espacios urbanos**, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.

GEHL, Jan. **La humanización del espacio urbano. La vida social entre los edificios**, Barcelona: Editorial Reverté, 2006.

GRANDE, Nuno (ed.). **O ser urbano. Nos caminhos de Nuno Portas / The Urban Being. On the Trails of Nuno Portas**, Guimarães: Fundação Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura, 2012.

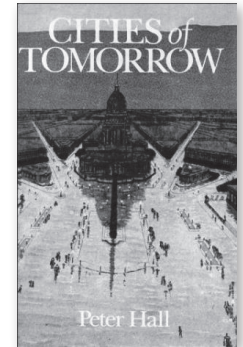
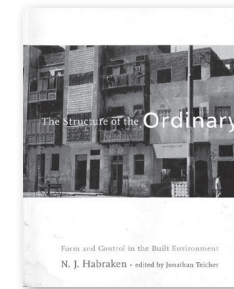
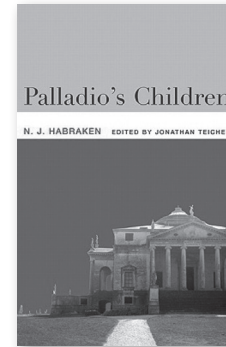
GUST – Ghent Urban Studies Team (ed.). **Post, ex, sub, dis. Urban Fragmentations and Constructions**, Rotterdam: 010 Publishers, 2002.



HABRAKEN, N. John; TEICHER, Jonathan (ed.). **Palladio's Children: Essays on Everyday Environment and the Architect**, London, New York: Taylor & Francis, 2005.

HABRAKEN, N. John; TEICHER, Jonathan (ed.). **The Structure of the Ordinary**, Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1998.

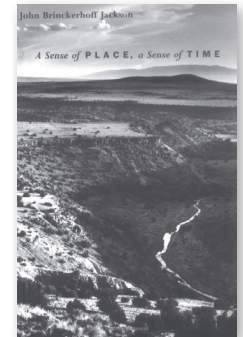
HALL, Peter. **Cities of Tomorrow. An Intellectual History of Urban Planning and Design in the Twentieth Century**, London: Basil Blackwell LTD, 1990.



HOLDEN, Robert. **Diseño del espacio público internacional**, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1996.

HOLDEN, Robert. **Nueva arquitectura del paisaje**, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.

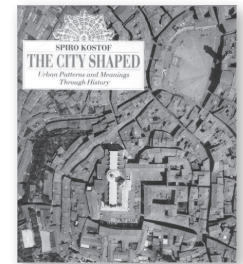
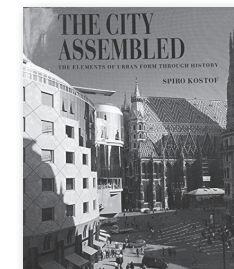
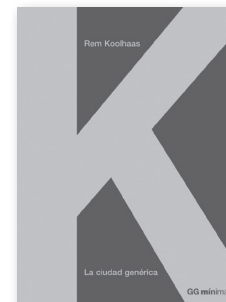
JACKSON, John B. **A Sense of Place, a Sense of Time**, New Haven, London: Yale University Press, 1994.



KOOLHAAS, Rem. **La ciudad genérica**, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006.

KOSTOF, Spiro. **The City Assembled: The Elements of Urban Form through History**, London, New York: Thames and Hudson, 1992.

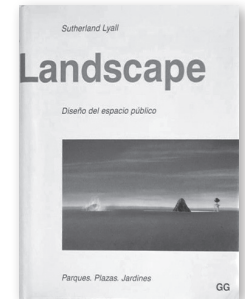
KOSTOF, Spiro. **The City Shaped: Patterns and Meanings through History**, London, New York: Thames and Hudson, 1992.



Les Carnets du paysage n° 7: **Autour du projet**, Arles: Actes Sud et École nationale supérieure du paysage, 2001.

LUCIO, Ramón López de. **Vivienda colectiva, espacio público y ciudad. Evolución y crisis en el diseño de tejidos residenciales: 1860-2010**, Buenos Aires: Nobuko, 2013.

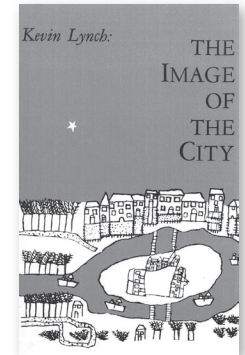
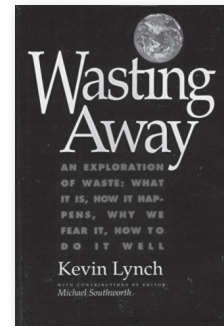
LYALL, Sutherland. **Landscape. Diseño del espacio público: parques, plazas, jardines**, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1991.



LYNCH, Kevin; SOUTHWORTH, Michael (ed.). **Wasting Away – An Exploration of Waste: What It Is, How It Happens, Why We Fear It, How to Do It Well**, San Francisco: Sierra Club Books, 1990.

LYNCH, Kevin. **Site Planning**, Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1962.

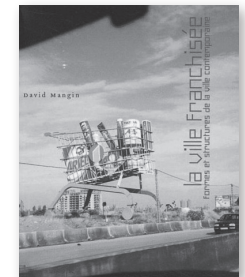
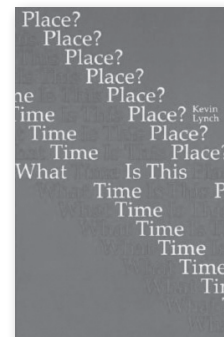
LYNCH, Kevin. **The Image of the City**, Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1960.



LYNCH, Kevin. **What Time Is This Place**, Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1972.

MAMOLI, Marcello; TREBBI, Giorgio. **Storia dell'urbanistica. L'Europa nel secondo dopoguerra**, Bari: Laterza, 1988.

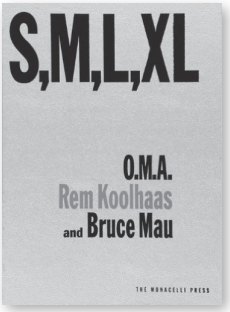
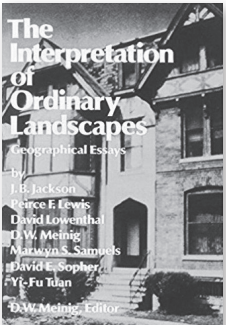
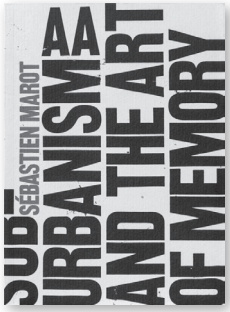
MANGIN, David. **La ville franchisée. Formes et structures de la ville contemporaine**, Paris: Éditions de la Villette, 2004.



MAROT, Sébastien. **Sub-urbanism and the Art of Memory**, London: Architectural Association Publications, 2003.

MEINIG, Donald W. (ed.). **The Interpretation of Ordinary Landscapes: Geographical Essays**, New York, Oxford: Oxford University Press, 1979.

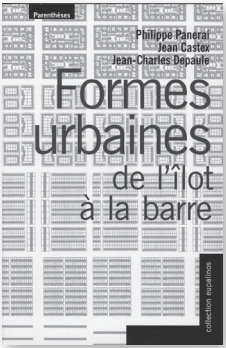
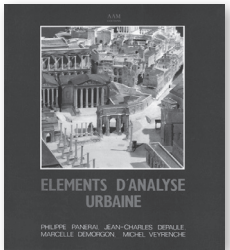
O.M.A.; KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. **S, M, L, XL**, Rotterdam: 010 Publishers, 1995.



PANERAI, Philip; DEPAULE, Jean-Charles; DEMORGON, Marcelle. **Éléments d'analyse urbaine**, Bruxelles: AAM éditions, 1980.

PANERAI, Philip, *et al.* **Formes urbaines, de l'îlot à la barre**, Marseille: Parenthèses Éditions, 1977.

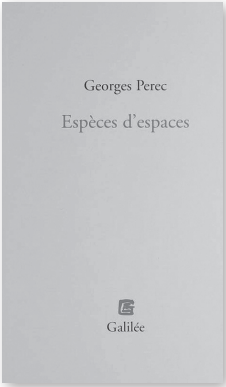
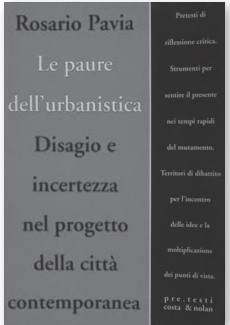
PAQUOT, Thierry. **L'espace public**, Paris: Éditions La Découverte, 2009.



PAVIA, Rosario. **Le paure dell'urbanistica. Disagio e incertezza nel progetto della città contemporanea**, Genova: Costa & Nolan, 1996.

PEREC, Georges. **Espèces d'espaces**, Paris: Galilée, 1974.

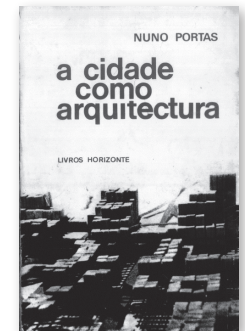
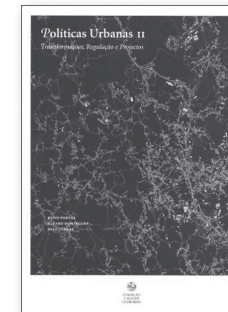
PINON, Pierre; HENRY, Dominique D. **Lire et composer l'espace public**, Paris: Les éditions du STU, 1991.



PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João. **Políticas urbanas. Tendências, estratégias e oportunidades**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João. **Políticas urbanas II. Transformações, regulação e projectos**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

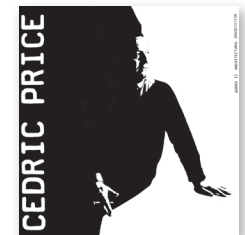
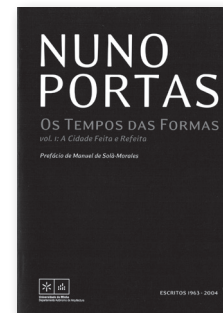
PORTAS, Nuno. **A cidade como arquitectura**, Lisboa: Livros Horizonte, 1969.



PORTAS, Nuno. **Os tempos das formas. Vol. 1: A cidade feita e refeita**, Guimarães: Escola de Arquitectura, Universidade do Minho, 2005.

PORTAS, Nuno. **Os tempos das formas. Vol. 2: A cidade imperfeita e a fazer**, Guimarães: Escola de Arquitectura, Universidade do Minho, 2012.

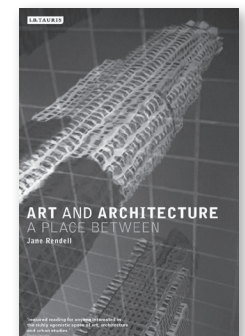
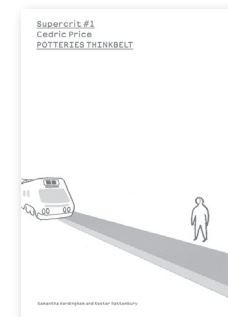
PRICE, CEDRIC. **Cedric Price: Works II**, London: Architectural Association, 1984.



RAMOS, Ángel Martín (ed.). **Lo urbano en 20 autores contemporáneos**, Barcelona: Edicions UPC, 2004.

RATTENBURY, Kester; HARDINGHAM, Samantha. **Cedric Price: Potteries Thinkbelt**, Abingdon: Routledge, 2007.

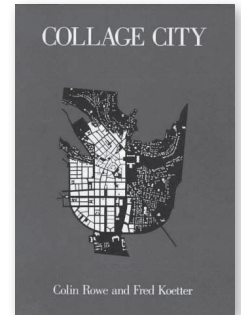
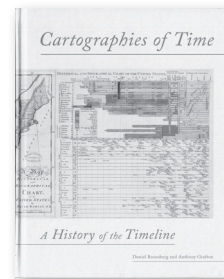
RENDELL, Jane. **Art and Architecture: A Place Between**, London, New York: I. B. Tauris, 2006.



ROSENBERG, Daniel;
GRAFTON, Anthony.
**Cartographies of Time:
A History of the Timeline**,
New Jersey: Princeton
Architectural Press, 2012.

ROSSI, Aldo. **L'architettura della
città**, Milano: Studi, 1965.

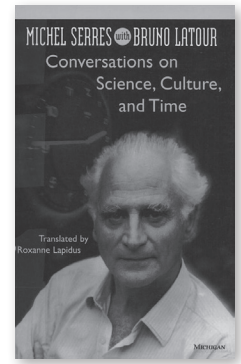
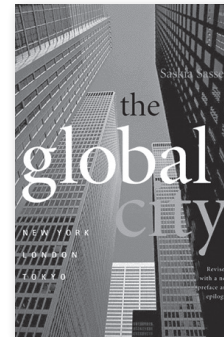
ROWE, Colin; KOETTER, Fred.
Collage City, Cambridge,
Massachusetts: The MIT Press,
1978.



SASSEN, Saskia. **The Global
City**, New Jersey: Princeton
University Press, 1991.

SECCHI, Bernardo. **Un progetto
per l'urbanistica**, Torino:
Einaudi, 1989.

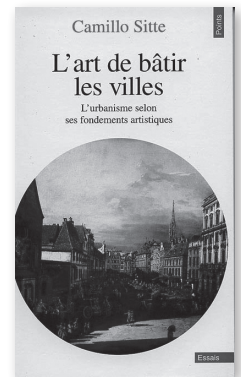
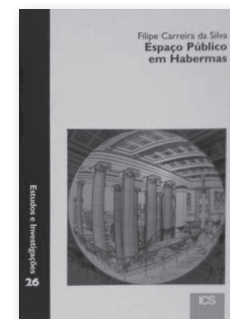
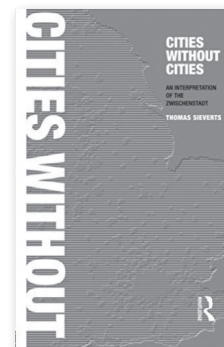
SERRES, Michel, with LATOUR,
Bruno. **Conversations on
Science, Culture, and Time**,
Trans. by Roxanne Lapidus, Ann
Arbor: University of Michigan
Press, 1995.



SIEVERTS, Thomas.
**Cities Without Cities.
An Interpretation of the
Zwischenstadt**, London: Taylor
& Francis, 2003.

SILVA, Filipe Carreira da.
Espaço público em Habermas,
Lisboa: Imprensa de Ciências
Sociais, 2002.

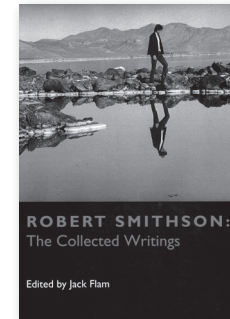
SITTE, Camillo. **L'art de bâtir les
villes**, Paris, Genève: Laurens/
Atlas, 1992 (1.^a ed. 1889).



SMITHSON, Alison and Peter.
The Charged Void: Urbanism,
New York: Monacelli Press,
2005.

SMITHSON, Robert; FLAM, Jack
(ed.). **Robert Smithson: The
Collected Writings**, Berkeley,
Los Angeles, London: University
of California Press, 1996.

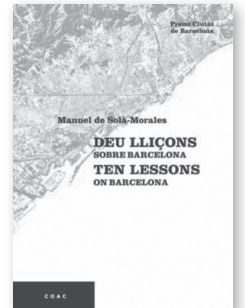
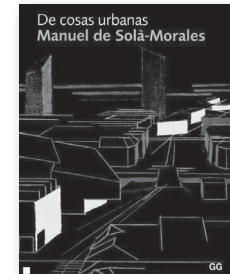
SOLÀ-MORALES, Ignasi de.
Territoris, Barcelona: Editorial
Gustavo Gili, 2002.



SOLÀ-MORALES, Ignasi de;
COSTA, Xavier. **Metrópolis**,
Barcelona: Editorial Gustavo
Gili, 2005.

SOLÀ-MORALES, Manuel de.
De cosas urbanas, Barcelona:
Editorial Gustavo Gili, 2008.

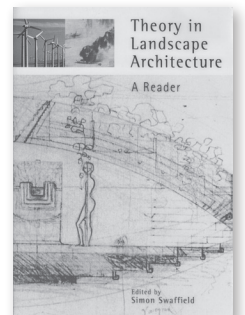
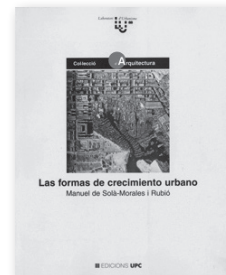
SOLÀ-MORALES, Manuel de.
Deu lliçons sobre Barcelona:
Els episodis urbanístics que
han fet la ciutat moderna /
Ten Lessons on Barcelona,
Barcelona: Col·legi d'Arquitectes
de Catalunya, 2008.



SOLÀ-MORALES, Manuel de.
**Las formas de crecimiento
urbano**, Barcelona: Edicions
UPC, 1997.

SOLÀ-MORALES, Manuel.
Ciutats, cantonades, Barcelona:
Lunwerg Editores, 2004.

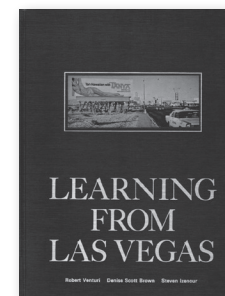
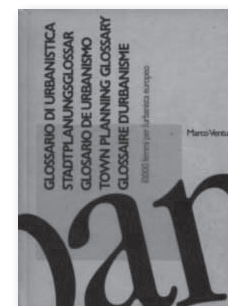
SWAFFIELD, Simon (ed.).
**Theory in Landscape
Architecture: A Reader**,
Philadelphia: University of
Pennsylvania Press, 2002.



TILL, Jeremy. **Architecture Depends**, Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2009.

VENTURI, Marco. **Glossario di urbanistica**, Verona, Venezia: Arsenale editrice, 1990.

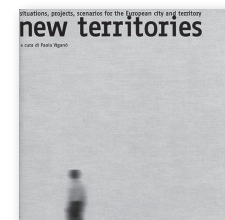
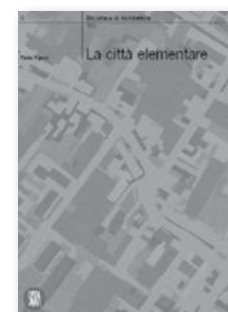
VENTURI, Robert; BROWN, Denise Scott; IZENOUR, Steven. **Learning from Las Vegas**, Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1977 (1.ª ed. 1968).



VENUTI, Giuseppe C. **Urbanistica y austerità**, Milano: Feltrinelli, 1978.

VIGANÒ, Paola. **La città elementare**, Milano: Skira, 1999.

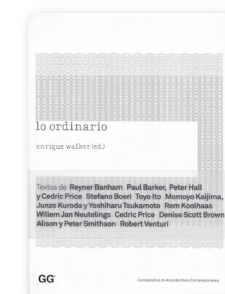
VIGANÒ, Paola. **New Territories. Situations, Projects, Scenarios for the European City and Territory**, Venezia: Università Iuav, 2004.



VROOM, Meto J. **Lexicon of Garden and Landscape Architecture**, Basel: Birkhäuser, 2006.

WALDHEIM, Charles. **The Landscape Urbanism Reader**, New York: Princeton Architectural Press, 2006.

WALKER, Enrique. **Lo ordinario**, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010.



Filiação / Affiliation

Lab2PT, Escola de Arquitetura, Universidade do Minho.

Lab2PT, School of Architecture, University of Minho.

Azurém, 4800-058 Guimarães

Este trabalho tem o apoio financeiro do Projeto Lab2PT – Laboratório de Paisagens, Património e Território – AUR/04509 com o apoio financeiro da FCT/MCTES através de fundos nacionais (PIDDAC), e o cofinanciamento do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), ref.^a POCI-01-0145-FEDER-007528, no âmbito do novo acordo de parceria PT2020, através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI).

This work has the financial support of the Project Lab2PT – Landscapes, Heritage and Territory Laboratory – AUR/04509, with the financial support from FCT/MCTES through national funds (PIDDAC) and co-financing from the European Regional Development Fund (FEDER) POCI-01-0145-FEDER-007528, in the aim of the new partnership agreement PT2020, through COMPETE 2020 – Competitiveness and Internationalization Operational Program (POCI).



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Co-financiado por:



